

Compre

-6. MAI 2010

N.º 15

LISBOA, 11 DE DEZEMBRO DE 1924

ANO I

Director
Oliveira Tavares

Editor
Joaquim Araujo

Propriedade da Empreza
de Publicidade Colonial, L.ª

GAZETA DAS COLONIAS

Composto e Impresso
Rua do Seculo, 150ª

Publica-se na 2.ª e na ul-
tima 5.ª feira de cada mês

Redação e Administração
R. Diario de Noticias, 44, 1.º

QUINZENÁRIO DE PROPAGANDA E DEFEZA DAS COLONIAS

ETNOGRAFIA COLONIAL



MOÇAMBIQUE — Uma refeição de serviçais indígenas num acampamento de europeus

COLABORADORES

Albano A. Portugal Durão (antigo ministro), Maj. A. Cifka Duarte (Ex.^{mo} Director da Aeronautica Militar), Dr. Alexandre de Vasconcellos e Sá (antigo ministro), Engenheiro Alfredo Augusto Freire de Andrade (antigo gov. colonial). Dr. Alvaro Xavier de Castro (antigo gov. colonial), Dr. Antonio Gonçalves Videira (Beira-Moçambique), Antonio José Pires Avelanoso, Alm. Antonio J. A. F. Pinto Basto, Major Antonio Leite de Magalhães (antigo gov. de distrito), Antonio Pinto Teixeira (antigo gov. de districto), Maj. Antonio Ribeiro de Carvalho (antigo ministro), Eng. Antonio Vicente Ferreira (antigo ministro), Dr. Armando Cortesão, Dr. Armino Monteiro, Artur Tamagnini de S. Barbosa (antigo gov. colonial), Aires de Ornelas e Vasconcelos (antigo ministro), Cap. Carlos T. A. dos Santos, Dr. Carlos Amaro, Cap. ten. Carlos Pereira (antigo governador colonial) Eng. Carlos Roma Machado, Carlos Oscar da Silva, Eng. Carlos de Sá Carneiro, Al. Carlos Viegas Gago Coutinho, Dr. Constantino José dos Santos (senador), Dr. Egidio Inso, Alm. Ernesto Julio de Carvalho e Vasconcelos, Dr. F. M. d'Oliveira Santos (antigo governador de districto); Dr. Fernando Emídio da Silva, Dr. Francisco Anacleto da Silva (Senador por Macau), Maj. Francisco C. Aragão, Eng. Francisco da Cunha Rego Chaves (antigo ministro), Maj. Francisco Pedro Curado, Eng. Francisco Pinto da Cunha Leal (antigo ministro), Heitor Eugenio de Magalhães Passos (inspector escolar) Ten. Cor. do E. M. ior Henrique Pires Monteiro, Cap. Ten. Henrique Monteiro Corrêa da Silva (antigo governador colonial), Dr. João Camoesas (antigo ministro), Cap. João Guilherme de Menezes Ferreira, Cap. João Luiz de Moura, Ten. Cor. João Maria Ferreira do Amaral, Dr. João dos Santos Monteiro, Eng. João Tamagnini de S. Barbosa (antigo ministro), Gen. José Augusto Alves Roçadas (antigo governador colonial), Maj. José A. de Melo Vieira, Dr. José Benevides, Dr. José Caeiro da Mata, Cap. Ten. José E. Carvalho Crato, Dr. José O. Ferreira Diniz, Maj. José Tristão de Bettencourt, Luiz de Menezes Bragança, (India), Luiz Moita, Dr. Manuel de Brito Camacho (antigo Alto Comissario em Moçambique), Dr. Manuel Fratel, Manuel Ferreira da Rocha (antigo ministro); Mariano Machado (antigo Director da C. F. de Benguela), Dr. Roberto Bruto da Costa (India), Paulino dos Santos Gil (Lourenço Marques), Tomé de Barros Queiroz (antigo ministro).

AGENCIAS

A Gazeta das Colonias tem já definitivamente estabelecidas as seguintes agencias:

No Continente: — Para o Porto e Norte do Paiz—Os Ex.^{mos} Srs. Dias Pereira & C.^a

Nas Colonias: — Para a Provincia de Angola: — A Empreza de Publicidade «Angola», Lim.^a.

Para a Provincia de Moçambique. — *Lourenço Marques:* Ex.^{mo} Sr. Aniano Mendes Serra (com acção nos distritos de Gaza, Quelimane e Tete). *Moçambique:* Ex.^{mo} Sr. Antonio Fernandes da Silva. *Inhambane:* Ex.^{mo} Srs. A. Cruz, Limitada. *Manica e Sofala:* Ex.^{mo} Sr. Luiz Pereira Eduardo.

Para a India: — O Ex.^{mo} Sr. Dr. Roberto Bruto da Costa.

Para Macau: — O Ex.^{mo} Sr. Pedro Nolasco da Silva Junior.

Nas restantes provincias: agencias provisórias.

CORRIGENDA

Novamente reapareceram as *gralhas* a perseguir nos.

No editorial do numero anterior, alem de outras de menos vulto, ha que notar as seguintes: na 2.^a coluna saia «*deixe de se ser desse numero*», onde se escrevera «*deixe de ser dum numero*»; na 3.^a coluna (33.^a linha) saia «*instinto*»; por «*intuito*».

Tambem no primoroso artigo «*A crise de Angola*», logo na 2.^a coluna saia «*combalem-se*» por «*combaterem-se*»; e mais adiante na 2.^a coluna da 13.^a pagina, onde se lê: «*As ideias valem muito mais pela sua grandesa e rectidão do que pelos seus fracasso*», deve lêr-se: «*As ideias valem muito mais. E é nas intenções que, principalmente, firmo os meus olhos, medindo-as mais pela sua grandesa e rectidão do que pelos seus fracassos*».

Que os nossos estimados leitores nos desculpem.

NOVAS SECÇÕES

E' intenção da «*Gazeta das Colonias*» ir alargando progressivamente e quanto n. s. seus recursos caiba, a sua acção de propaganda e de difusão de conhecimentos que ao desenvolvimento das colonias se prenam.

Hoje inicia uma secção, duma incontestavel utilidade, a de «*Agricultura Colonial*» á qual procurará dar a maior largueza possivel.

A esta, outras se seguirão, como sejam, as de: *Higiene Colonial, Historia Colonial, Secção Militar, Etnologia Colonial, etc.*

Tambem a «*Gazeta*» vai em breve tentar, o que pode chamar-se a *Iniciação Colonial*, feita por meio de narrativas, em que ás recreações, sob a fantasia que requeira, se revelem conhecimentos exactos sobre a *historia, a geografia, a etnografia, a fauna e a flora* das nossas colonias.

Nesta secção procurará a «*Gazeta*» pôr o cunho pedagogico indispensavel, para a tornar um util instrumento de cultura infantil.

Para todas estas secções, receberá sempre a «*Gazeta*» muito gostosamente, toda a colaboração que lhe seja destinada, e que utilizará desde que não saia da orientação geral que traçou.

AO SR. MINISTRO DAS COLONIAS

Os Diplomas Legislativos n.ºs 38, 46 e 47

COM data de 5 de Setembro publicou o *Diário do Governo* n.º 201 o diploma legislativo n.º 38 determinando que todos os funcionarios civis das colonias fossem distribuidos por 20 classes, a cada uma das quais corresponderia um vencimento metropolitano de categoria expresso em escudos, e, em cada colonia, um ordenado colonial expresso em moeda local.

No § 1.º do art. 1.º determinava-se que o Governo Central estabeleceria a que classe pertenceria cada um dos cargos atribuidos aos funcionarios civis designados na secção 2.ª da classe 98.ª das leis organicas da Administração Colonial; e no § 2.º dizia-se que os Governos coloniais determinariam a classe de cada um dos cargos atribuidos aos funcionarios civis dos quadros privativos.

Nos termos do § 1.º o Governo Central publicou, no dia 8 de Novembro, os diplomas legislativos n.ºs 46 e 47, o primeiro dos quais estabelece a classe a que pertence cada um dos cargos civis de nomeação metropolitana, da forma seguinte:

Classe 1.ª... Secretario provincial.

Classe 2.ª... Auditor fiscal.

Classe 3.ª... Juiz da relação, procurador da Republica, auditor adjunto, director de fazenda provincial, inspector de 1.ª classe dos correios e telégrafos, engenheiros, inspector e director de obras publicas, administrador do circulo aduaneiro de Angola e S. Tomé.

Classe 4.ª...

Classe 5.ª... Juiz de direito, director de fazenda adjunto e distrital, inspector de 2.ª classe dos correios e telégrafos, engenheiro subalterno com mais de cinco anos de serviço em obras publicas das colónias, chefe de serviço aduaneiro do quadro de Angola e S. Tomé.

Classe 6.ª... Delegado de comarca, conservador, juiz municipal e sub-delegado (sendo bacha-

reis), sub-director de fazenda, inspector de 3.ª classe dos correios e telegrafos, engenheiros com menos de cinco anos de serviço em obras publicas das colónias e architecto.

Classe 7.ª...

Classe 8.ª...

Classe 9.ª...

Classe 10.ª... Secretario da Relação, escrivão de direito, contador reveedor, contador distribuidor da comarca de Lourenço Marques, condutor de 1.ª classe de Obras Publicas, primeiro official e tesoureiro do quadro aduaneiro de Angola e S. Tomé.

Classe 11.ª...

Classe 12.ª... Condutor de 2.ª classe de obras publicas, segundo official do quadro aduaneiro de Angola e S. Tomé.

Classe 13.ª... Agente de civilização

Classe 14.ª...

Classe 15.ª... Terceiro official do quadro aduaneiro de Angola e S. Tomé.

Classe 16.ª... Primeiro aspirante do quadro aduaneiro de Angola e S. Tomé.

Classe 17.ª... Segundo aspirante do quadro aduaneiro de Angola e S. Tomé.

Classe 18.ª...

Classe 19.ª...

Classe 20.ª...

No diploma legislativo n.º 47 decretaram-se os vencimentos proprios de cada classe, divididos em parte fixa e parte variavel, para se determinar a importancia do vencimento metropolitano de categoria correspondente a cada uma, estabelecendo-se ainda que, nenhum funcionario civil desligado do serviço ou aposentado, poderia receber pensão total superior a 160 % do vencimento metropolitano de categoria ou do ordenado colonial da classe a que pertence.

Este vencimento metropolitano é o seguinte, conforme a tabela que consta do referido diploma:

Classes	Parte fixa	Parte variavel	Vencimento de categoria total por ano
1.ª	1.638\$00	16.380\$00	18.018\$00
2.ª	1.572\$00	15.720\$00	17.292\$00
3.ª	1.506\$00	15.060\$00	16.566\$00
4.ª	1.440\$00	14.400\$00	15.840\$00
5.ª	1.374\$00	13.740\$00	15.114\$00
6.ª	1.308\$00	13.080\$00	14.388\$00
7.ª	1.242\$00	12.420\$00	13.662\$00
8.ª	1.176\$00	11.760\$00	12.936\$00
9.ª	1.110\$00	11.100\$00	12.210\$00
10.ª	1.044\$00	10.440\$00	11.484\$00
11.ª	978\$00	9.780\$00	10.758\$00
12.ª	912\$00	9.120\$00	10.032\$00
13.ª	846\$00	8.460\$00	9.306\$00
14.ª	780\$00	7.800\$00	8.580\$00
15.ª	714\$00	7.140\$00	7.854\$00
16.ª	648\$00	6.480\$00	7.128\$00
17.ª	582\$00	5.820\$00	6.402\$00
18.ª	516\$00	5.160\$00	5.676\$00
19.ª	450\$00	4.500\$00	4.950\$00
20.ª	384\$00	3.840\$00	4.224\$00

Não sendo nosso objectivo entrar agora na apreciação das classes a que ficaram pertencendo determinados cargos, porque alguns erros e flagrantes injustiças, que a tal respeito se cometeram, já veem de 1920, não podemos deixar de estranhar que o legislador novamente insistisse nelles, por forma a ferir funcionarios que tinham direito a justas reparações, tão faceis de serem dadas no momento em que o sr. Alvaro Bulhão Pato deu á luz o diploma legislativo n.º 46.

Com que magua vimos S. Ex.ª continuar a desprestigiar os juizes da Relação, os engenheiros inspectores de Obras Publicas, os Procuradores da Republica, sem falar noutros funcionarios gradados das colonias, equiparando-os, por exemplo, a auditores adjuntos e a inspectores dos correios e telegrafos, e numa situação inferior aos chamados auditores fiscaes, que ficam ocupando o segundo lugar na ordem de classes, quando aqueles só ao terceiro teem jus!

Final para que são as exigencias de cursos, de anos successivos de trabalhos e de responsabilidades, se numa penada tudo isto é posto á margem, dando-se maiores regalias a quem de um momento para outro, sem a necessidade de habilitações, de pratica de serviços publicos ou

mesmo de anos de serviço, pode ser levado ao mais alto cargo da magistratura fiscal?!

Não pode ser.

Os auditores fiscaes, a subsistirem tais lugares que podem considerar-se uma luxuosa excrecencia da nossa administração colonial, não devem continuar a sobreporem-se em categoria aos magistrados judiciaes e aos velhos funcionarios das colonias, para cuja tecnica se exigiram longos cursos de distincção e longos anos de permanencia no ultramar.

O sr. ministro das Colonias vai de certo prender toda a sua atenção a estes diplomas e reformá-los convenientemente, porques e o n.º 46 labora em tão graves injustiças o immediato não é mais justo nem mais moral. Os vencimentos que na metropole ficam sendo atribuidos aos funcionarios coloniais, nas diversas situações em que eles aqui se encontrem, não serão exagerados para as condições de vida com que se luta actualmente, mas são, se considerarmos os que se estão abonando aos funcionarios da metropole na efectividade de serviço, que não chegam a receber tanto.

A atenção de S. Ex.ª, o Ministro, deve, porém, incidir principalmente nos abonos que, á sombra deste diploma, se vão fazer aos funcionarios desligados do serviço e aos aposentados das colonias.

Fazemos justiça ao sr. Bulhão Pato, não acreditando que S. Ex.ª pensasse em si, ao referendar o diploma 47 que, com certeza, não é da sua autoria.

O sr. Bulhão Pato foi sempre um funcionario zeloso no serviço, sobretudo da nossa provincia de Moçambique. Não desejamos ser desprimorosos para o seu caracter, sendo o nosso unico fim defendermos os interesses das colonias, que não foram devidamente acautelados — perdoo-nos S. Ex.ª — no diploma em questão, e procurarmos ver seguida uma orientação que acredite de vez os nossos governantes.

Só por meio de uma critica imparcial poderemos atingir o nosso fim e esta não nos dispensaremos de fazer, mesmo no presente momento.

Vejamos, pois, a doutrina do artigo 2.º do referido diploma

«Nenhum funcionario civil desligado do serviço ou aposentado poderá receber pensão total superior a 160 por cento do vencimento metropolitano de categoria ou do ordenado colonial da classe a que pertence.»

Imaginemos um inspector de 2.ª classe dos correios e telegrafos que vem á metropole e resolve prestar serviço no Ministerio das Colónias

pelo tempo que lhe fôr facultado. O seu vencimento está descrito na classe 5.ª e é igual a 15:114\$00; mas, entre'anto, atinge o tempo para a aposentação e é julgado incapaz. E' imediatamente desligado do serviço e pode passar a receber 160 % de 15:114\$00 ou sejam 24:182\$40!!!

Quere isto dizer que um funcionario das colonias, inactivo, passará na metropole a receber muito mais do que teria estando aqui ao serviço, ou do que tem qualquer funcionario metropolitano em pleno exercicio de funções.

Além de não serem justas nem morais, como vemos, leis desta natureza, veem as sobrecarregar os

cofres das colonias, pois todas as pensões de funcionarios teem de ser revistas e pagas nesta conformidade, aumentando-se assim as despesas, como se vivessemos num periodo de opulencia.

Vimos em certa imprensa das colonias apreciar o diploma legislativo n.º 38, que deu origem a estes, como um regabofe para certos funcionarios, com ele contemplados. Como apreciará agora a Imprensa Colonial os diplomas legislativos n.ºs 46 e 47?

Ao sr. ministro das Colonias, estamos certos, merecerá o assunto toda a atenção, pelo que contem de contrario aos interesses das Colónias e á moralisação dos serviços.

QUESTÕES COLONIAIS

SUCEDE com as questões coloniais o mesmo que com as casas onde não ha pão.

Todos se julgam no direito de ralhar, e de vir cá para fora, para a Imprensa, para o Parlamento e para a praça publica, protestar contra as medidas de alguns dos nossos governos coloniais; mas ninguem se quer dar ao incomodo de indagar das causas proximas ou remotas dessas medidas, e, sobretudo, de estudar e propôr a maneira mais facil e eficaz de as prevenir ou remediar.

Quando se dotaram as colonias com as bases organicas e se instituiram os altos Commissariados da Republica, foram contadas as vozes que impugnarão esses diplomas, que fizeram dos governadores coloniais, e, principalmente dos Altos Commissarios, verdadeiros senhores absolutos, dentro da area da sua jurisdicção, sem possibilidade de serem fiscalizados, não obstante a Metropole ser responsavel pelos empréstimos e dividas contraídas.

Nessa ocasião, quando se discutiram tais diplomas, parlamento, imprensa, associações coloniais, todos exultavam, convencidos que se ia entrar no verdadeiro reinado de Africa, e que o simples facto de dar maior liberdade ás colonias, permitindo-lhes disporem, como melhor entendessem, dos seus orçamentos, transformaria o caracter português e converteria em bons, maus e até péssimos administradores.

Por mais que gritassemos que o que se estava fazendo em algumas das nossas colonias, com a aprovação, pelo menos tacita da Metropole, correspondia á sua ruina, comprometendo, ao mesmo tempo, o Paiz, ninguem nos quiz ouvir, julgando-nos um despeitado, eterna Cassandra, sempre pronta a carpir maguas e a desman-

char prazeres, vendo as coisas pelo peor lado, quando todos as viam por um prisma cor de rosa.

Conhecendo a precaria situação das nossas colonias, não só por dever de officio, mas ainda, e principalmente, porque de ha muito nos mereciam as nossas melhores atenções, olhando para elas não por mero sport, ou por conveniencia propria ou partidaria, mas pelo seu proprio interesse, não podiamos admitir que se persistisse nos lamentaveis erros de politica e administração que se estavam cometendo, e que, forçosamente, haviam de levar as colonias ao estado a que as levaram, não podendo ser outro o desenlace.

Era impossivel que Angola, sempre em regime *deficitario*, por não ter havido ninguem que a administrasse, como Antonio Enes e Freire de Andrade administraram Moçambique, pudesse de um momento para o outro, como por artes magicas, extinguir o seu *deficit* e ter *superavit*, como se apregoava a todas as horas e a todos os momentos, com verdadeira inconsciencia e desconhecimento de causa. Só quem não visse ou não quizesse ver, e estes são os peores cegos, poderia acreditar nas noticias tendenciosas e fantasistas com que nos azoiavam constantemente os ouvidos, os jornais e centros de palestras, quer das colonias, quer da metropole, a respeito da transformação subita de Angola, convertida de um momento para o outro no El-Dorado, de que nos falava Orellana.

Law, no tempo da regencia, em França, não teve mais credulos e entusiastas admiradores do que o sr. Norton de Matos.

Entendia aquele financeiro que a fortuna de França estava ligada a criação da Companhia das Indias e ao sistema bancario, com essa Com-

panhia relacionado; julgava o sr. Norton de Matos que a prosperidade de Angola, dependia principalmente da criação de um Banco privativo daquela colonia, que, felizmente, não chegou a fundar, e da estampagem de notas e cedulas provinciais sem a correspondente contrapartida.

Desatinos que todos nós estamos pagando caro, e principalmente a provincia, onde tanto dinheiro se consumiu e dissipou, inutilmente.

Se houvesse nos nossos parlamentares mais completo conhecimento das coisas coloniais e da psicologia dos nossos governantes, e a Imprensa e Parlamento não abdicassem nas mãos de dois ou três homens, que tantos foram os que gisaram o instituto dos altos Commissariados, estamos certos de que, a estas horas, não teriamos a lamentar metade dos desastres que lamentamos, nem o credito do país andaria arrastado, como tem andado, pelas praças estrangeiras.

E é tal a cegueira, para não dizer coisa peor, dos nossos governantes, que nem depois das vergonhas porque temos passado, devidas, principalmente, á instituição dos altos Commissariados, são capazes de abrir os olhos e decretar qualquer medida impeditiva de que outros funcionarios de inferior ou igual categoria possam vir a praticar as mesmas proezas, acabando com o pouco credito que ainda nos resta e comprometendo, sabe Deus por quanto tempo, o futuro das provincias que tiveram a desdita de ficar sujeitas a esse regime.

Mas ninguém se propõe estudar, como é nosso indeclinavel dever, os problemas economicos e financeiros das colonias e promover o seu desenvolvimento social e moral.

As massadas estão proibidas e

sempre é preferivel ir gosar para os teatros ou jogar e dançar para os clubs.

Não dá para mais o espirito da época e a ancia de viver e de gosar! A vida são dois dias, e quem vier de traz que feche a porta. Todos vão pelo lado do minimo esforço.

Porque não se ha-de criar, desde já, um *Comité* da provincia de Angola, como ha o *Comité* da Africa francesa e o *Comité* de Marrocos, onde os individuos que conheçam a Colonia, e tenham ideias na cabeça e sentimentos patrioticos no coração, possam reunir-se e organizar um plano de fomento, de governo e de administração daquela colonia, sabendo-se que existem revisitas da especialidade, como a *Gazeta das Colonias*, que poriam as suas colunas á disposição do *Comité*, para serem publicados os estudos e inqueritos a que se procedesse, com o fim de levantar a colonia da prostração em que se encontra?

Ha na Sociedade de Geografia de Lisboa, como aqui já foi dito outra vez, uma *Comissão Africana* — a mais importante de todas — que se ocupa, ou deve occupar-se do estudo e propaganda de todas as nossas colonias africanas.

Porque se não ha-de convocar e encarregar essa comissão dos trabalhos sobre Angola, podendo agregar a si as pessoas categorizadas que julgue necessarias, embora não pertençam á *Comissão Africana* e nem sequer á Sociedade?

Precisamos sair do *in pace* em que nos encontramos, do tal ponto morto de que nos falava o sr. Norton de Matos, e que tanto nos está comprometendo aos olhos de nacionais e estrangeiros.

Pelos meios ordinarios, sendo possível, ou então, por meios extraordi-

narios, alterando estatutos e regulamentos de sociedades e associações, que seja necessario alterar porque, como estão, não correspondem já ás necessidades da época presente.

E o que dizemos para Angola dito fica para Moçambique.

Felizmente esta colonia poude livrar-se, até hoje, dos fortes abalos e encargos que pesam sobre a de Angola; e grande será a sua fortuna se as não contrair para de futuro.

Moçambique, sem ter contraído o emprestimo de que tanto se falou, e cujo montante de sete milhões de libras combatemos, por o julgarmos exageradissimo e prejudicial á propria colonia, tem conseguido refazer as suas finanças e pagar grande parte das suas dividas, bastando-se a si propria, apenas com a prata da casa, devido, segundo é voz corrente, ao esforço do seu Governador Geral, dr. Moreira da Fonseca, actualmente Secretario provincial do interior.

Porque se não deixou continuar esse funcionario a sua obra, que tantos aplausos tem merecido?

Que necessidade havia de novas nomeações e de mais pesados encargos para a provincia? São segredos que não é dado desvendar aos simples mortais.

Tambem seria de toda a conveniencia que se organisasse um *Comite* para Moçambique, ou se convocasse o que já existe, e que, se não estamos em erro, é presidido pelo patriarca de todos os coloniais, e grande patriota, que é o sr. general Joaquim José Machado.

Mas isto não precisa de mais larga explanação e referencia.

Ficará para outro numero.

Roma e Pavia não se fizeram num dia.

PIRES AVELANOSO

Santos Machado & C.^a, L.^{da}

Comissões e consignações

Importadores e Exportadores para Africa e Brazil. Representantes dos principais centros fabris, nacionais e estrangeiros

Rua do Bomjardim, 345 — PORTO — (PORTUGAL)

Endereço telegrafico: SAMALI — Telefone, 2482

Agências em: CABO VERDE -- Praia, S. Vicente e Ilha do Fogo. -- GUINÉ -- Bissau e Bolama. -- S. THOMÉ E PRINCIPE -- S. Thomé. -- ANGOLA -- Loanda, Ambriz, Malange, Benguella, Mossamedes e Sá da Bandeira (Lubango). -- AFRICA ORIENTAL -- LOURENÇO MARQUES -- Manjaca.

Aceitam agentes onde não os tiverem.

PARCERIA DOS VAPORES LISBONENSES

(Arrendatária das docas e oficinas do Porto de Lisboa)

Serviço permanente de reboques, salvamentos de navios e transportes fluviais de passageiros, bagagens e carga;

Aluguel de cábreas e outros aparelhos de força.

Trabalhos de sondagens e de mergulhadores.

Reparações de navios; limpezas, picagens (manual e a ar comprimido) e pinturas interiores, de costados e de fundos.

Pequenas construções navais (rebocadores, lanchas, batelões, salva-vidas, etc.).

Demais trabalhos navais de todas as especiali-

dades metalúrgicas, de soldadura, de carpintaria de branco e de machado, de calafetos, etc.

Montagens e reparações de instalações electricas a bordo.

Obras hydraulicas.

Fornecem-se:

a) Indicações técnicas, orçamentos e planos.

b) Materiais para todas as obras e trabalhos referidos.

c) Dispositivos especiais para embarcações destinadas ao serviço colonial.

d) Tintas próprias para climas e águas tropicais.

Administração Central: — Cais do Sodré — LISBOA

Telefones | C. 1926 Administração e serviço de transportes
| C. 2992
| C. 1588 | Oficinas, docas e obras

Endereço telegrafico:

"DRYDOCKS,"

A CONSTRUTORA, L.^{DA}

Capital realizado: 2.500.000\$00

Séde em LOBITO

CAIXA POSTAL N.º 10

Filial em BENGUELA

CAIXA POSTAL N.º 32

Delegação em LISBOA: Rua dos Fanqueiros, 235, 2.º-Esq.

Telefone n.º 2772

Telegramas | Rodrivalho — LISBOA
| Construtora — LOBITO

GERENTES EM:

AFRICA

Sousa Lara & C.^a Ld.
Joaquim Duarte

LISBOA

José odrigues de Carvalho
Mariano Machado

Deposito de materiais no Lobito e Benguela

Encarrega-se de construções no Lobito e ao longo do Caminho de Ferro desde o Lobito até ao Bié (Silva Porto) Kilometro 627

AGRICULTURA COLONIAL

Uma das mais importantes bases de progresso das nossas Colonias, é sem duvida alguma, o desenvolvimento da sua agricultura.

Infelizmente até hoje, á parte um ou outro esforço exercido no sentido de desenvolver e difundir a sciencia agricola em terras de Ultramar, tem sido o empiris mo a feição dominante da agricultura colonial.

Reconhecendo a necessidade de se promover uma revolução nos processos culturais fazendo ressaltar a vantagem de os subordinar aos modernos ensinamentos, projectou a «Gazeta» abrir uma secção em que se fizesse a mais larga difusão desses ensinamentos.

Nesse sentido tinhamos já feito algumas diligencias; hoje porem o nosso illustre colaborador, Sr. Engenheiro Xavier da Fonseca, vem ao encontro do nosso desejo, dispondo-se a manter na «Gazeta» a secção que haviamos projectado.

Diz o nosso dedicado colaborador :

TAL como no nosso país, quem passeie um pouco as nossas colonias, entristece pelo empirismo que vê seguido na pratica agricola de qualquer plantação. Debalde se procurará corrigir este ou aquele defeito, porque, sem demora ouviremos citar o êxito deste ou daquele, adotando igual rotina. Ora quem vá para as colonias para ensinar, por saber, sofre não poucos desaires, e contrai não poucas colicas, quando afinal verifica que o seu conselho não é jamais seguido. Conscios da razão, batalha-se, e alfim, um ou outro timorato segue-nos o conselho e sobressai ao teimoso visinho; lucrrou emfim a sciencia.

E' assim todos os dias a vida nas colonias; peléja-se e peléja-se fortemente. Os tempos que vão correndo, sendo de absoluta concorrência, só serão favoraveis aos que saibam lutar com todas as armas, até mesmo com as quimicas, quando as outras não surtem efeito. Conhecendo esta grande verdade, julgamos concorrer para o fim altruista que tem a «Gazeta das Colonias», mantendo aí uma secção de agricultura colonial, onde além de descrevermos a cultura das diferentes plantas tropicais responderemos a todas as consultas que ácerca de agricultura colonial nos sejam feitas, sobre doenças das plantas, mercados consumidores, sementes de quaisquer plantas, maquinas de qualquer especie para a agricultura colonial, nada mais

sendo preciso ao sr. consultante do que indicar o nome e o seu numero de assinatura.

Aceitando com muito reconhecimento o valioso concurso do Sr. Engenheiro Xavier da Fonseca, abrimos desde já a nossa nova secção, na qual, sem sombra de menosprezo da competencia de S. Ex.^{ca}, procuraremos reunir outras autorisadas opiniões, no intuito, que sempre nos anima, de provocar sobre todos os assuntos a mais larga discussão e dar aos nossos leitores os mais abundantes e completos elementos para formularem os seus juizos.

O Café e a sua cultura

O café é uma planta pertencente á familia das *Rubiaceas* e ainda que se possam contar umas sessenta especies, muitas rasões concorrem para



Café Arábico

fazer crêr que todas tiveram a sua origem do Moka, e portanto está estabelecido dividi-la em duas grandes especies, o café Arábico e o café Liberico.

A arvore da primeira especie alcança uma altura de 5 a 7 metros, tem uma folha muito parecida com a do louro, e as flôres brancas tem muita analogia com a balsamina, quer pela forma, quer pelo perfume; o fruto é primeiro verde, depois faz-se rôxo e no final carmezim intenso; a pólpa é mucilaginosa açucarada como a cereja e envolve as sementes, que ordinariamente são duas, sempre de forma oval, convexas quando ligadas as duas

sementes na parte plana, a duas e duas. As sementes encontram-se envolvidas numa membrana cartilaginosa chamada pergaminho, e debaixo desta ha uma pelicula quasi transparente, que por causa da sua côr branca muito brilhante se chama pele de prata.

Esta especie de café, prospera entre 500 e 1500 metros acima do nivel do mar, entre o 15.º Norte e o 15.º Sul de latitude; a temperatura não deve ser inferior a 13.º centigrados, sendo a mais favoravel a de 20.º a 30.º á sombra.

A planta beneficia com a humidade, mas sofre com as baixas de temperatura.

O café é largamente cultivado em Cabo Verde, S. Tomé, Angola e Timôr, embora fóra de S. Tomé não se faça cultura sequer racional.

De algum tempo a esta parte os plantadores voltaram as suas atenções para a especie de cafeeiro Liberico. É, como o indica o seu nome, originaria da Liberia; tem uma vegetação muito mais vigorosa, cresce tanto nas planicies como nas colinas, atinge um grande desenvolvimento chegando a nove metros de altura, tem vida mais longa, durando, em bons terrenos até 60 anos, é mais rustica, suporta melhor as vicissitudes de temperatura, presta-se a ser m'lhorada com a cultura e resiste melhor ás doenças que está sujeita a planta do café Arábico.

Dá um produto menos fino em aroma, se bem que em maior quantidade e por este motivo, mistura-se com o café Arábico. Esta planta é tambem muito util e presta-se muito bem para ser enxertada com o café Arábico, aumentando-lhe a produção. Quanto ao café Liberico, como já se disse, resiste melhor ás doenças que atacam a especie Arábica, mas tambem tem um fungo que o ataca, não sendo porem a natureza dos esporos tão grave como a do café Arábico e sendo os danos que produz pouco consideraveis.

Uma outra imensa vantagem que oferece o café Liberico é o de crescer em cinco, seis e até nove troncos, de modo que, quando um não frutifica, ou por velhice, ou por outra causa, corta-se sem nenhum prejuizo para a planta, dando-lhe uma manifesta vantagem pois que se nota um maior desenvolvimento nos outros troncos, sem se perder a colheita, emquanto que o café Arábico, crescendo num só tronco, quando este tenha de ser cortado por qualquer motivo, é obvio

que enquanto se espera o novo crescimento, se perdem uma ou duas colheitas.

Também no aspecto o café Liberico é muito diferente da especie Arabica, porque, feita a abstração da maior altura, que não tem comparação com a da segunda especie, as suas folhas são muito mais volumosas. A sua floração começa em Janeiro e Fevereiro e continua por alguns meses, oferecendo o facto curioso, especialmente para um Europeu, de se ver a arvore com botões, flôres e frutos em todas as suas fases num mesmo ramo; como é natural, as flôres, os frutos e os grãos são muito maiores de que os do café Arabico. Os grãos do café Liberico são de dimensões duas vezes maiores que os da especie Arabica. Uma outra importante vantagem que oferece o café Liberico é que o fruto, embora ultrapasse a sua maturação, fica adherente á arvore e não cai, enquanto que a especie Arabica apresenta o inconveniente assás grave de deixar cair o fruto, quando maduro, nos países onde a mão d'obra não é abundante.

As duas especies de café não tem o mesmo *habitat* e precisam condições de cultura diferentes. O Liberico não gosta da visinhança do mar e não vai a uma grande altitude, enquanto que o cafeeiro da Arabia, originario dos planaltos, não gosta das terras baixas, onde precisa de muitos cuidados, terras fundas, ricas em terra negra, evitando-se os sitios muito humidos e os desabrigados.

O cafeeiro propaga-se ordinariamente por semente. As sementes recentes germinam em seis semanas. Semelham-se em caixas ou em mantas, em bom terreno preto, tendo pelo menos um palmo de espessura. Traçam-se linhas de 3 centímetros de profundidade, depositam-se as sementes a 6 ou 8 centímetros de distancia, e tapam-se. Durante os dias secos rega-se duas vezes por dia até que as plantas apareçam.

Um mês depois, faz-se uma primeira transplantação para linhas paralelas distantes 30 centímetros e a 20 centímetros de intervalo. A medida que as plantas crescem, é conveniente ir habituando-as, pouco a pouco, ao sol; quando tiverem 35 a 40 centímetros, transplantam-se para o local definitivo. Escolhido o terreno na orientação conveniente, deve-se cavar fundo a terra, e espalhar cal abundantemente.

As melhores plantações são as que se fizerem em arruamentos, pondo os cafeeiros em linhas distanciadas 4 metros, e as plantas nas linhas de 2 em 2 metros tratando-se de cafeeiros Arabicos e de 3 em 3 metros tratam-

do-se dos Libericos. As covas devem ter 30 a 60 centímetros de largura por 40 a 60 centímetros de profundidade.

A planta, tirada com o maior cuidado com o torrão adherente ás raízes, coloca-se ao meio da cova, e é necessario ter o maior cuidado porque a coifa (separação do tronco da raiz), fique ao nível da terra. A transplantação deve sempre fazer-se na época das chuvas, e, quando fór absolutamente necessario transplantar durante as secas, é necessario regar após a transplantação.

No Estado de S. Paulo do Brasil, um hectare não tem mais de 918 cafeeiros. Em Cabo Verde e Angola, chegam a ter a 1200, sem vantagem nenhuma.

Feita a plantação deve pensar-se em dar a cada planta o seu tutor, o qual se enterra 40 a 50 centímetros e na direcção oposta aquela de que ordinariamente sopra o vento; a planta chega-se ao tutor envolvendo-a em dois ou tres sitios em blocos de palha de bananeira, atando-se em seguida com força junto ao tutor e deixando a atadura mais larga, em volta da planta para não a ferir.

A protecção das plantações contra o vento é coisa da maior importancia. Primeiro que tudo é preferivel não plantar numa localidade muito batida do vento, mas dar a preferencia a um terreno menos fertil desde que esteja protegido do vento, que para o café, é um inimigo mortal. Uma plantação batida do vento, apresenta sempre um aspecto mesquinho pela falta de folhas e pelas numerosas falhas que se encontram. Em segundo logar, é sempre conveniente dar sombra aos cafeeiros, procurando para o efeito plantas cujas raízes, contrariamente ao café, tendem a profundar na terra, podendo assim existir no mesmo terreno duas culturas, sem que uma prejudique a outra. No Brasil, principalmente, tem-se visto que o melhor sistema é associar a bananeira, cujas raízes procuram os seus alimentos; inferiormente á camada de terra que mantém o café, e dá um fruto muito util e apreciado pelos trabalhadores. As bananeiras crescem para cima do café de modo a protegê-lo dos raios do sol, sem impedir a circulação do ar.

A. XAVIER DA FONSECA.

Companhia Agricola da Beira

Capital £ 350.000

SEDE
RUA DO CRUCIFIXO, 16, 2.º
LISBOA

ADMINISTRAÇÃO EM AFRICA
BEIRA
Caixa Postal 162
Africa Oriental Portuguesa

Endereço Telegrafico AGRIBEI

MOSAICOS CERAMICOS

DA
FABRICA DE LOIÇA DE SACAUEM

Para revestir pavimentos de Salas, Casas de banho, Cozinhas, Terracos, Halls, etc., etc., em substituição dos vulgares ladrilhos hydrolicos, cortices, etc., incontestavelmente de maior duração, maior resistencia e de maior efeito. Fabricação garantida, rivalizando com o artigo congenere estrangeiro

Padrões e preços no depósito da Fabrica Rua da Prata, 130 - LISBOA TELEFONE C. 316

Cabo-Verde

A SITUAÇÃO DA PROVINCIA

A "Gazeta" ouve o Sr. Governador, acerca da sua acção administrativa

ACHA-SE, desde ha poucos dias, em Lisboa, o illustre Governador de Cabo Verde. Sr. Dr. Julio Henrique de Abreu.

Certos de que só em presença de poderosos motivos S. Ex.^a teria vindo á metrópole, ainda não decorrido um ano após a sua partida para a Colonia, e convencidos de que esses motivos estariam necessariamente ligados aos interesses de Cabo Verde, procurámos desde logo conhecê-los, para os transmitir ao público, se tal nos fosse dado.

Não foi difficil o desempenho da missão que nos impuzemos, por isso que o Sr. Dr. Julio de Abreu, comquanto seja absolutamente contrário a tudo quanto possa parecer réclamo, põe uma absoluta clarêsa e uma grande sinceridade na sua acção governativa, não hesitando em dar a público, o que de interesse público entende dever ser. Assim obtivemos de S. Ex.^a não só a razão da sua vinda á metrópole, mas ainda, numa rapida mas clara exposição, o programa minimo de fomento que urge rialisar; é essa exposição que vamos reproduzir tão fielmente, quanto nos seja possível.

Disse S. Ex.^a:

Ao ser-me entregue a missão de governar Cabo-Verde, formulei, como era natural o meu plano de administração, para o que tomei como base as necessidades e os recursos que a colonia apresentava quando em 1919 a deixára; evidentemente tornei a effectivação desse plano dependente das modificações que porventura se tivessem dado na maneira de ser da provincia, durante o periodo de 5 anos decorrido.

Ao assumir o governo pude reconhecer que a situação de Cabo Verde era a mesma que eu conhecera anos antes e assim entendi dever iniciar a minha acção, tal como o havia concebido e que era nitidamente dividida em duas etapas; a primeira que po-

derei chamar a da *arrumação da casa*, pela moralisação dos serviços e melhoria das condições da vida está venciada, e creio que as medidas tomadas darão á Colonia as indispensaveis condições de ordem e de bem estar, para entrarmos quanto antes na segunda etapa, a do fomento da riqueza.

Um dos males que deparei e que afectava profundamente a situação financeira do Tesouro, foi uma grave desordem económica, devido á desenfreada especulação que se fazia em volta da compra do cambiais. Originára essa situação a grande affluencia de notas de Angola, desvalorizadas já em 40% e com tendencias a ter o seu valor ainda mais baixo.

Em Cabo Verde, onde a média da circulação fiduciária privativa tinha sido de 4.500 contos, havia então mais de 8.000 contos daquelas notas, circulando conjuntamente com as privativas da Colonia e arrastando estas na sua desvalorisação, o que desfalcava enormemente as receitas do Estado e agravava assustadoramente o custo da vida.

Sentindo embora a afflitiva situação criada a Angola, não podia eu deixar de sobrepôr a esse sentimento a obrigação que tinha de defender a Colonia, cuja administração me estava confiada.

Cabo Verde tinha, e tem, o seu orçamento sem deficit, dispondo ainda de reservas para ocorrer a qualquer emergencia, e *sobretudo* tinha a sua balança comercial equilibrada, visto que a differença, para menos, na exportação, é mais que compensada pelo grande numero de cambiais que da America do Norte, da Inglaterra e do Brasil são enviadas pelos emigrantes, pelas companhias dos Cabos Submarinos e Carvoeiras, além das receitas em ouro cobradas quer pelo Estado, quer pelos particulares, sobretudo em S. Vicente.

Para demonstrar o que digo basta

o quadro que foi elaborado quando o estudo foi feito, e que é bem elucidativo:

Recebem-se anualmente:

Dollars — 400.000	12.800.000\$00
Libras — 49.000	7.350.000\$00
Reis brasileiros — 20 contos	50.000\$00
Francos (ouro) 1.200.000	7.800.000\$00
Total em moeda portuguesa	28.000 000\$00

Exportação e reexportação (em 1923)	3.537.263\$33
	31.537.216\$33

Sendo a importação 27.715.146\$71

Resulta o saldo da exportação sobre a importação de 3.822.069\$62

Sendo assim não se compreendia que a nota privativa de Cabo Verde, unica com curso obrigatorio, se mantivesse tão desvalorizada como a de Angola. Assim o entendi e nesse sentido tomei a deliberação de determinar que nas Repartições do Estado, sómente se recebessem em pagamentos as notas da circulação privativa da Colonia, pelo seu valor facial, notas do Banco de Portugal ao par, libras, dollars, francos e reis brasileiros, ao cambio do dia Lisboa-s/Londres, diminuindo de 1% (prémio de transferencia) e os cheques visados com um desconto de 175% a favor do Estado (renda de circulação) e com a clausula de serem pagos em notas de Cabo Verde.

A aceitação de cambiais visou a evitar reclamações como as que em circunstancias identicas tinham surgido, e que se baseiaram na insufficiencia das notas de Cabo Verde para ocorrer a todas as transações.

Como reflexo do procedimento adoptado, deu-se logo uma baixa no prémio de transferencia, de 20% para um máximo de 3,5%.

Com esta medida, com uma melhoria de vencimentos ao funcionalismo, procurando a contra partida do agravamento da despesa num aumento de

receita pela actualisação das contribuições industrial e predial, e com um barateamento da vida, conseguido pela regulação de preços que o Estado auxiliou, mas em que não chamou a si o exercicio do commercio, consegui o que antes chamei a *arrumação da casa*, ou seja realisar uma grande parte da primeira etapa da minha acção.

E' tempo de iniciar a segunda, cuja realisação se impõe levar a efeito, sem desfalecimentos, mas sempre com prudencia e senso progressivo.

Para essa porém é preciso dinheiro; e como, em geral, em se chegando a este capitulo surgem os embaraços, e as difficuldades que para Cabo Verde não têm razão de existir, resolvi vir á metropole, pois que a distancia a que está a Colonia e a forma por que estão organisadas as suas ligações com Lisboa, originam demoras que não se compadecem com a urgencia que attribuo ás obras de fomento que ha a realisar desde já, e que vou enunciar e justificar.

Apetrechar o Porto Grande de S. Vicente: reparar, os outros portos; prover ao abastecimento de aguas, e melhorar as communicações são as mais urgentes obras de fomento a realisar.

O Porto de S. Vicente foi até ha bem pouco tempo, o ponto obrigatório de toda a navegação para a America do Sul e Africa. As suas condições naturais são de tal maneira excellentes, que nenhum outro nestas paragens, podia com ele rivalisar.

Las Palmas e Dakar espreitavam, porém, o nosso porto e vendo que pelo artificio podiam oferecer comodidades á navegação, que a natureza, por mais prodiga que seja, por si só não pode garantir, começaram de construir bons caes acostaveis, embora lutando com immensas difficuldades, e boas docas, tudo dotado de bons apetrechos, e por tal forma se conduziram nesses trabalhos, que o porto de S. Vicente foi completamente abandonado pela navegação de passageiros e os navios de carga que por ele fazem hoje escala estão reduzidos a uma quarta parte.

Apesar de tudo, as receitas do porto de S. Vicente, ainda representam 1/3 das receitas gerais da Colonia, excluidas as provenientes das taxas de transito, pagas pela «The Eastern Telegraph».

Nada o homem fez até hoje no porto de S. Vicente, exceptuadas as pequenas pontes da Alfandega, e das Com-

panhias Carvoeiras, estando aquella quasi derrocada. Ora sendo o porto de S. Vicente amplo e bastante abrigado, com profundidades para todos os calados e tão aberto que, dia e noite, pode ser demandado sem quaisquer difficuldades, além de encurtar algumas horas a viagem para o Sul da America e da Africa em relação a Las Palmas e Dakar, é claro que só tem sido abandonado pela navegação, pela falta absoluta das comodidades que os portos modernos oferecem, quer para a carga e descarga da mercadoria, quer para o embarque e desembarque de passageiros, quer (e é o mais importante para S. Vicente) para a facilidade e rapidez do fornecimento de combustivel e agua e seu consequente barateamento.

E como a Colonia tem hoje receitas suas, mais que suficientes, para poder fazer face ás obras necessarias no porto de S. Vicente, de forma a, pelo menos, oferecer tantas comodidades como Las Palmas e Dakar, parece-me urgente o inicia-las e reputo criminoso qualquer demora.

Fui para a Colonia com a intenção bem firme de dar começo a este melhoramento e em todos os actos de administração tenho empenhado a maior firmesa, para que se não desviem para qualquer outro fim as receitas das taxas de transito que entendendo devem ser consignadas só ás obras do porto de S. Vicente durante alguns anos, tendo aumentado por forma bastante apreciavel as outras receitas gerais e empregando todos os esforços para que estas cheguem para o pagamento de todas as despesas orçamentais.

Levarei a fim o meu intento?

Tenho todos os motivos para o supôr, pois que tenho encontrado no Governo da Metropole toda a boa vontade e espero que me continuará honrando com a sua confiança, facilitando sempre a minha acção governativa, embora orientando-me sempre, como é da Lei.

A par deste melhoramento, que tenho como vital para a Colonia, muitas outras obras de fomento ha a realisar e todas elas de capital importancia:

A cidade de Mindelo, com 15.000 habitantes, não tem talvez hoje um decilitro de agua potavel para cada um, e até para outros consumos é em quantidade por tal forma exigua que, embora muito salobra, a população pobre (70%) só com sacrificio a consegue.

Na cidade de S. Filipe do Fogo e na populosa freguesia de Santa Catarina dessa ilha, tambem a agua falta, sendo necessarios dois dias para um grande numero dos seus moradores se abastecerem de duas pequenas celhas

de agua, que vão buscar a grande distancia.

Ora no Mindelo, estou convencido que o problema de abastecimento de aguas se deve resolver com brevidade, desde que a respectiva Camara, devidamente subsidiada pelo Governo, metá hombros á empresa, embora se tenha que lançar qualquer novo imposto para tal fim, que será bem aceite.

Já na minha ultima estada nesta cidade, troquei impressões com o presidente da Camara, dr. Francisco A. Regala, medico distinto e trabalhador infatigavel, sobre o assunto, contando muito em breve ver começar as respectivas obras.

Na ilha do Fogo tambem o problema me parece de facil realisação, pois nela encontraremos as receitas necessarias para esse efeito, sem quaisquer gravames para quem quer que seja.

Existe na Praia Ladrão daquela ilha uma abundante nascente de agua finissima que em grandes massas corre diariamente para o mar.

Tambem na ilha, o Estado possui uma propriedade, o «Montado Real», que desde sempre tem sido o pomo de discordia de grande parte da população e constante fonte de preocupações para o Governo. Esta propriedade tem o rendimento anual médio de 6:000\$00 e hoje á despesa de 2:400\$00, porque ha poucos anos as receitas não chegavam para as despesas.

Ora autorizando-se a venda dessa propriedade, retalhada em talhões de 10, 50, 100 e 1:000 hectares, e dando-se o direito de preferencia na compra a todos os que, por arrendamento ou por qualquer outro modo, possuam glebas de terreno, podemos contar com uma receita superior a 2:500 contos, que chegam, não só para as despesas a fazer com a elevação da agua e sua canalização, como ainda para as grandes reparações de que tanto necessita o caminho carreteiro que circunda a ilha e para terminar as obras do porto de Vale de Cavaleiros. Quer dizer, a Ilha do Fogo pode, duma vez, ver realizados todos os melhoramentos de que mais necessita e que é justo dar-lhe, pois é uma das poucas que produz receitas mais que suficientes para as suas despesas ordinarias.

Ha ainda a considerar que vendida a tal propriedade, o Estado cobrará de contribuição predial mais do triplo do seu rendimento actual e o Governo ver-se-ha de vez livre das reclamações e difficuldades que a cada momento tem a resolver sobre concessão e posse de tais terrenos.

Em Santo Antão é absolutamente

necessario ligar as suas fertes ribeiras com o litoral por meio de bons caminhos carreteiros, reparando os cais e as pontes dos portos, e por meio de represas e viadutos alargar a sua área de irrigação, habilitando assim a segunda ilha do arquipelago a debelar as crises famineas que tanto a teem affligido.

Em S. Tiago urge olhar pelo porto da Praia, já muito assoreado; fazer grandes reparações na ponte da Alfandega, evitando a sua proxima derrocada; valorizar o magnifico porto do Tarrafal e reparar os cais de todos os outros portos, porque a verdade é que, assim como a fome ceifou alguns milhares de pessoas, tambem o abandono e desleixo mataram todas as obras das ilhas.

Das estradas nem é bom falar, quasi que nem tal nome se lhes pode dar, havendo lugares em que mal se conhece o seu leito.

A Ilha Brava, a Sintra encantada do arquipelago, tem o seu porto — a Furna — sem cais nem ponte, apesar de ser um dos mais frequentados pela navegação á vela e de ser ali que os veleiros melhor podem receber as reparações necessarias.

Tambem a estrada que liga este

porto com a capital e com os restantes povoados, necessita urgentemente de ser reparada e será de toda a conveniencia subsidiar a Camara, para melhorar o abastecimento de agua potavel, que só a 2 quilometros de distancia é aproveitada.

As ilhas do Maio, Boa Vista e Sal precisam ver os seus portos reparados e ligados por bons caminhos com os povoados e interior. Tudo quanto se faça para desenvolver a industria salineira na primeira e ultima dessas ilhas, ajudando qualquer iniciativa sobre salga e conserva de peixe, é colocá-las em circunstancias de se bastarem a si mesmas e portanto de grande utilidade para a Colonia.

Tambem na Boa Vista se está começando a desenvolver a industria cerâmica, bem verdade que sem resultados praticos até agora, mas podendo assegurar-se que será de grande futuro, desde que a Companhia perca algum amor ao dinheiro e ponha á frente da fabrica os tecnicos indispensáveis, porque o governo não lhe faltará com o seu auxilio, como bem o tem demonstrado, concedendo-lhe ha um ano, por arrendamento quasi gratuito, alguns quilometros de linha ferrea e algumas vagonetas.

Ora para fazer face ás despesas com tais obras, conto, como já disse, com as taxas de transito dos cabos submarinos, com a permissão da venda do Montado Real do Fogo e doutras propriedades de menor importancia que o Estado possui na Brava, Santo Antão e S. Tiago e com as receitas ordinarias da Colonia, que de ano para ano se teem valorizado.

Basta conseguir que o governo da Metropole continue a facilitar a minha acção administrativa e encontrar o pessoal habilitado indispensavel, para em breves dias dar inicio a todas estas obras que são tão necessarias para a Colonia como o pão para a boca.

CÁBO VERDE

“Resposta a uma contestação”
“Melhores dias para Cabo Verde?”

Subordinado a esta epigrafe, recebemos do nosso ilustre colaborador, o sr. dr. Francisco Antonio Martins, um interessante artigo, ao qual só por absoluta impossibilidade deixamos de dar publicidade neste numero, o que faremos na primeira oportunidade.

Propaganda Colonial

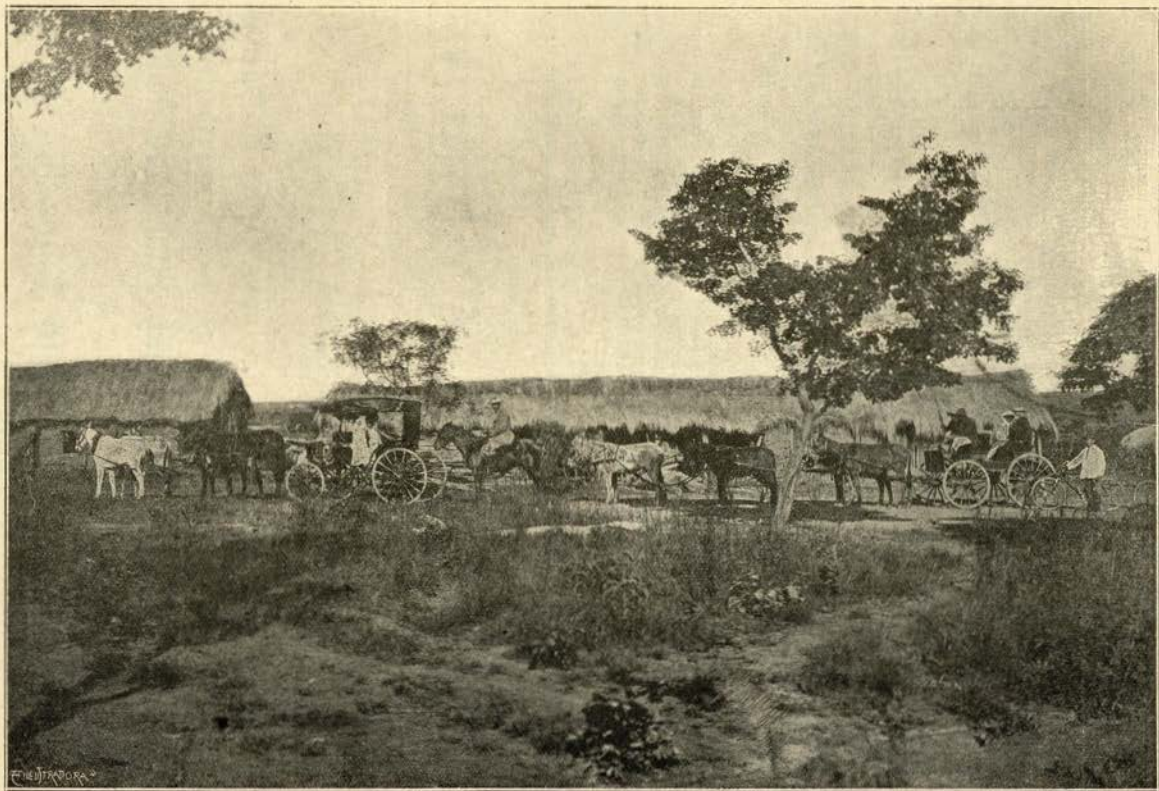
Conferencias promovidas pela
GAZETA DAS COLONIAS

A primeira conferencia, da série que a *Gazeta* promove, deve realisar-se no dia 3 de Janeiro numa sala que vae ser pedida á Benemerita Sociedade de Geografia de Lisboa.

E' conferente o sr. Dr. Brito Camacho, que subordina o seu estudo ao Tema

“Politica Colonial”

O SEU MOTOR EXIGE
Spidoleine O ÓLEO QUE LUBRIFICA



ANGOLA — Missão] Católica no Hambo-Luando. Dois carros de mato



Mozambique

A directriz da linha ferrea Lourenço Marques-Gaza-Inhambane e a mais conveniente travessia do Limpopo

NÃO ha muito tempo ainda que a Imprensa diaria de Lisboa inseriu a noticia do breve estudo definitivo da construção ferroviaria de ligação das linhas em exploração de Lourenço Marques, Gaza e Inhambane e se fez eco de um pedido local para que o traçado de Xinavane ao Vale do Limpopo,—que, por motivos de maior fertilidade das regiões intermedias e de maior densidade das respectivas populações, era lembrado, como mais conveniente, por Macia, S. Paulo de Mesano e Languene, se não fixe sem que sobre ele se pronuncie uma comissão de engenheiros, agronomos e entidades bem conhecedoras das mesmas regiões.

Embora tardiamente, pois dez anos vão decorridos já sobre a data (31 de Outubro de 1914) de um relatório que acerca do assunto elaborou e entreguei na Provincia de Moçambique ao então Governador Geral o Ex.^{mo} Sr. General Joaquim José Machado, constato não terem sido de todo desprezadas as indicações que nesse documento fiz registar após os reconhecimentos a que procedi com o objectivo fixo da escolha dos pontos de passagem nos rios Limpopo e Incomati para o troço da linha ferrea que, ao que parece, agora vai ter execução.

No intuito de contribuir para uma mais completa elucidação do caso eu farei notar, correspondendo ao apelo que a «Gazeta das Colónias» me dirige no sentido de lhe fazer alusão, que, a par da absoluta conveniencia de ser atendida aquela opinião expressa no pedido referido, e que tudo recommenda dever ser emitida por uma Comissão mista com a constituição que nele se indica, é mister não deixar no olvido as demais considerações do citado relatório res-

peitantes, ao ponto de maior conveniencia, encarada a questão pelos lados técnico e economico, para o lançamento, sobre o Limpopo, da mais importante obra de arte do principal Caminho de Ferro de serventia dos Districtos do sul da Colonia.

Julgo por isso oportuno e interessante reproduzir aqui, em breves referencias, o que a tal respeito fiz sciente o Governo da Colonia.

Quem tenha de percorrer o rio Limpopo desde a foz, afim de se decidir sobre a escolha dum melhor ponto para a sua travessia por linha ferrea, hade notar que, o terreno argilo-arenoso das margens desse importante curso d'agua da Provincia de Moçambique, só em Languene (a 26 quilometros do Chai-chai) começa a ter, por forma sensível, uma maior percentagem de areia, a qual aumenta á medida que se avança para o Norte, verificando-se neste percurso e em condições normais do rio:

1.^o—Que, em Mondiane, (a 8 quilometros de Languene) a largura do rio é, aproximadamente, de 120 metros, a sua profundidade maxima 3 metros e as margens são desigualmente altas (uma de 6 metros e outra de 1 metro) e de natureza argilo-arenosa, mas já com uma razoavel percentagem de areia. A margem mais baixa é inundada, por occasião das cheias, em grande extensão;

2.^o—Que, em Maguijane, (a 5 quilometros de Mondiane), a profundidade do rio é um pouco menor, sendo sensivelmente a mesma a sua largura. As margens e o leito tem já uma grande percentagem de areia, sendo aquelas igualmente altas, (6 metros aproximadamente) e ao meio do curso d'agua existe

um baixo arenoso que muito facilitar a construção da ponte, desde que seja este o local preferido;

3.^o—Que, no Chikakati, confluencia dos rios Limpopo e Changane (a 10 quilometros de Maguijane) a profundidade dos rios é pequena, a largura total a vencer regula por 100 metros, as margens são altas e de natureza quasi completamente arenosa, e a ponta de terra que separa os dois cursos de agua permite o estabelecimento facil dum pilar da ponte, quando se decida a sua construção neste local;

4.^o—Finalmente que, para o Noroeste do Chibuto, no Chalocuane, existe no Limpopo um outro local que parece conveniente para a passagem da linha ferrea e que exige a construção duma ponte de pouco menos de 100 metros, obrigando tambem mais para Leste, no rio Changane, á construção de um pequeno aqueduto.

De tudo o exposto se conclue que, em minha opinião, os pontos mais convenientes para a travessia do Limpopo, por linha ferrea, estão para o Norte e a partir de Maguijane, sendo preferível, quando possível, que eles se fixem ou em Maguijane, ou no Chikakati ou ainda em Chalocuane.

Isto não quer dizer que a linha ferrea não possa aproximar-se mais do Chai-Chai. Evidentemente que assim pode succeder, porque não conheço impossiveis, mas, sem duvidas tambem o affirmo, o desempenho será muito maior e maiores serão as dificuldades a vencer.

E' claro que a preferencia indicada depende do estudo da região que devera ser servida pela linha ferrea entre Xinavane e Manjacaze

e não, simplesmente, do reconhecimento dos cursos de agua que ela terá de atravessar.

Aquele estudo tem, pois, de se executar e dele é prudente que se encarregue uma comissão constituída por um engenheiro, um agronomo e uma terceira entidade com longo tempo de serviço em terras de Gaza e conhecimento completo da região citada.

Este critério na formação da Comissão, obedece ao principio, que julgo dever ser sempre atendido na construção de linhas ferreas, de se conjugar, nos limites do possível, a parte técnica dos estudos, com a maior utilidade dos serviços que os Caminhos de Ferro devem prestar ás regiões por eles atravessadas e a maxima probabilidade de se conseguir uma exploração proveitosa. Como estes dois ultimos factores dependem do estudo do progresso agrícola das regiões, da excelencia dos terrenos e da densidade de população, eis justificado o alvitre que em tempos apertei e ainda sustento, como digno de consideração, perante a expressão do sentir regional divulgada pela noticia a que aludo no começo deste artigo.

Desta forma poderá ser que as

aspirações do Chai-Chai sejam atendidas, aproximando-se da vila a linha directa, porque não me repugna acreditar, em ora o não possa afirmar por falta de elementos de observação directa, alheios por completo a quaisquer influencias até certo ponto justificadas, que, no caso presente, as maiores dificuldades e dispêndio de dinheiros na construção da obra de arte a que me estou referindo possam ser compensadas por uma mais económica e mais util construção da linha ferrea nas regiões entre Xinavane e Limpopo e entre Limpopo e Manjacaze.

As minhas observações servirão de base para os trabalhos da comissão referida, ou para orientação de quem fôr incumbido dos estudos definitivos da linha ferrea; e, para desejar é que elas não sejam esquecidas, no caso de terem o valimento que lhes attribuo.

JOÃO TAMAGNINI

Quando as febres palustres deixam de obedecer ao quinino, deve empregar-se a «Paludina», que dá excellentes resultados nas febres palustres, biliosas e perniciosas. Pedir instruções a «Sanitas» T. Carmo, 1, Lisboa.

CONCESSIONARIO EXCLUSIVO

PARA A

Africa Occidental Portuguesa



COMERCIO DE ANGOLA, LDA.

REPRESENTANTES DA

COMPANHIA DO ASSUCAR DE ANGOLA

Benguela - Lobito - Loanda

Segundo os ultimos trabalhos scientificos pode curar-se a tuberculose, com a «Palmol». Pedir instruções á «Sanitas» T. Carmo, 1, Lisboa.

Companhia Nacional

DE

PRODUTOS COLONIAIS, L. DA

Rua dos Fanqueiros, 15 LISBOÁ

Tranças sobre cacou,

café, cera, cacoate e couros

P. Santos Gil, Limitada

Importadores de Material Telegrafico e Material Ferro-Viário de toda a espécie:

LOCOMOTIVAS, ZORRAS AUTOMÓVEIS, CARRUAGENS, TRACTORES AGRICOLAS, ETC.

Conserva stocks permanentes para entrega imediata

FABRICANTES | *Hoppel Industrial Car & Equipment Co., Ltd.*
| *Pennsylvania Car and Manufacturing Comp.*

Secção de construções

Ladrilhos e Azulejos em lindos desenhos e cores Muralo «Marino», preservativos de madeiras em variadas cores, telhas e chapas de asbestos, etc., das melhores marcas.

Secção de Madeiras

Possumos em armazem, para entrega imediata, madeiras da Provincia das melhores qualidades, em pranchões, barrotes e taboas, assim como travessas para caminhos de ferro, paus para minas, etc.

Secção de Productos

Compramos e exportamos toda a qualidade de productos da Provincia, tais como: Milho, Mapira, Copra, Amendoim, etc.

Estancias e Armazens Alfandegados ao Kilo metro 1 para Deposito de Mercadorias.

Officinas de Serração, Fabrica de Mobílias Portas, Janelas, Aros, etc. movidas a Electricidade.

TELEFONES | Escritorio 400
| Estancia 493

LOURENÇO MARQUES

COMPANHIA DE MOÇAMBIQUE

Movimento Comercial e Maritimo no Territorio

Referente a 1923, está publicada a «Estatística do Movimento Comercial e Marítimo» nos territorios sob a administração da Companhia de Moçambique.

Constitue esse trabalho, que nos foi enviado e temos presente, um interessante elemento de estudo e uma valiosa base de aferição do desenvolvimento comercial daqueles territorios.

Totalidade do movimento comercial nos anos de 1919 a 1923

(Valores em escudos)

Especificação	1923	1922	1921	1920	1921
Importação	4:374.379\$	5:110.298\$	7:910.947\$	7:446.798\$	3:939\$782\$
Exportação	6:560.358\$	8:751.063\$	8:513.312\$	4:630.851\$	3:869.891\$
Reexportação	21:441.148\$	14:811.756\$	17:589.333\$	18:832.444\$	13.262.020\$
Baldeação	6:145.418\$	4:818.504\$	6:375.907\$	6:946.657\$	3898.532\$
Transito	9:999.619\$	10: 56 904\$	15:958.084\$	11:106.610\$	6:432 873\$
Cabotagem	2:201.121\$	2:308.618\$	2:029 212\$	1:637.683\$	1:286.139\$

Pelo quadro do movimento comercial, que aqui resumimos, se reconhecem as oscilações do balanço comercial, no quinquénio 1919-1923. Pena é que o trabalho que apreciámos não contenha quaisquer elementos de elucidação ácerca dos factores que originaram essas oscilações, e que seria interessante conhecer.

Dos quadros do movimento marítimo que segue se infere a importancia que hoje tem o porto da Beira, com um total de 468 entradas e 471 saídas, que bem justifica o seu completo apetrechamento.

Dentre as bandeiras que frequentam o porto, figura a nossa em terceiro lugar, sendo a inglesa que maior representação tem, imediatamente seguida pela alemã, a quem cabe o primeiro lugar na navegação costeira.

Com os nossos agradecimentos pela remessa do interessante trabalho, não deixaremos de registar com louvor o cuidado que á Companhia de Moçambique merece a elaboração das suas estatísticas e que representa um sintoma de regularidade de serviços, que infelizmente anda um pouco arredada dos nossos habitos.

Movimento marítimo por entrada, no porto da Beira, no ano de 1923

NACIONALIDADES	NAVIOS DE LONGO CURSO				NAVIOS COSTEIROS				TOTAL DOS NAVIOS ENTRADOS				Pequena cabotagem Número de embarcações
	Número	Arqueação	Carga desembarcada	Passageiros desembarcados	Número	Arqueação	Carga desembarcada	Passageiros desembarcados	Número	Arqueação	Carga desembarcada	Passageiros desembarcados	
Portuguesa	16	89:252	1:565	1:119	52	48:428	272	2:132	68	137:683	1:767	3:251	545
Alemã	23	149:285	9:840	353	63	19:355	1:023	197	83	168:640	10:863	557	—
Americana	7	26:389	3:962	3	—	—	—	—	7	26:389	3:962	3	—
Dinamarquesa	1	3:494	557	—	—	—	—	—	1	3:494	557	—	—
Holandesa	27	125:454	3:295	112	3	2:685	757	7	30	128:139	4:045	116	—
Inglesa	218	931:723	56:109	2:512	37	36:467	436	102	255	938:187	59:545	2:634	—
Italiana	4	12:289	127	56	—	—	—	—	4	12:289	127	56	—
Monaco	—	—	—	—	9	3:962	—	5	9	3:962	—	5	—
Norueguesa	9	31:441	3:152	1	—	—	—	—	9	31:441	3:152	1	—
Suécia	2	9:563	1:274	—	—	—	—	—	2	9:563	1:274	—	—
Total geral	307	1.348:887	79:874	4:146	161	110:897	2:498	2:440	468	1.459:784	82:282	6:586	545

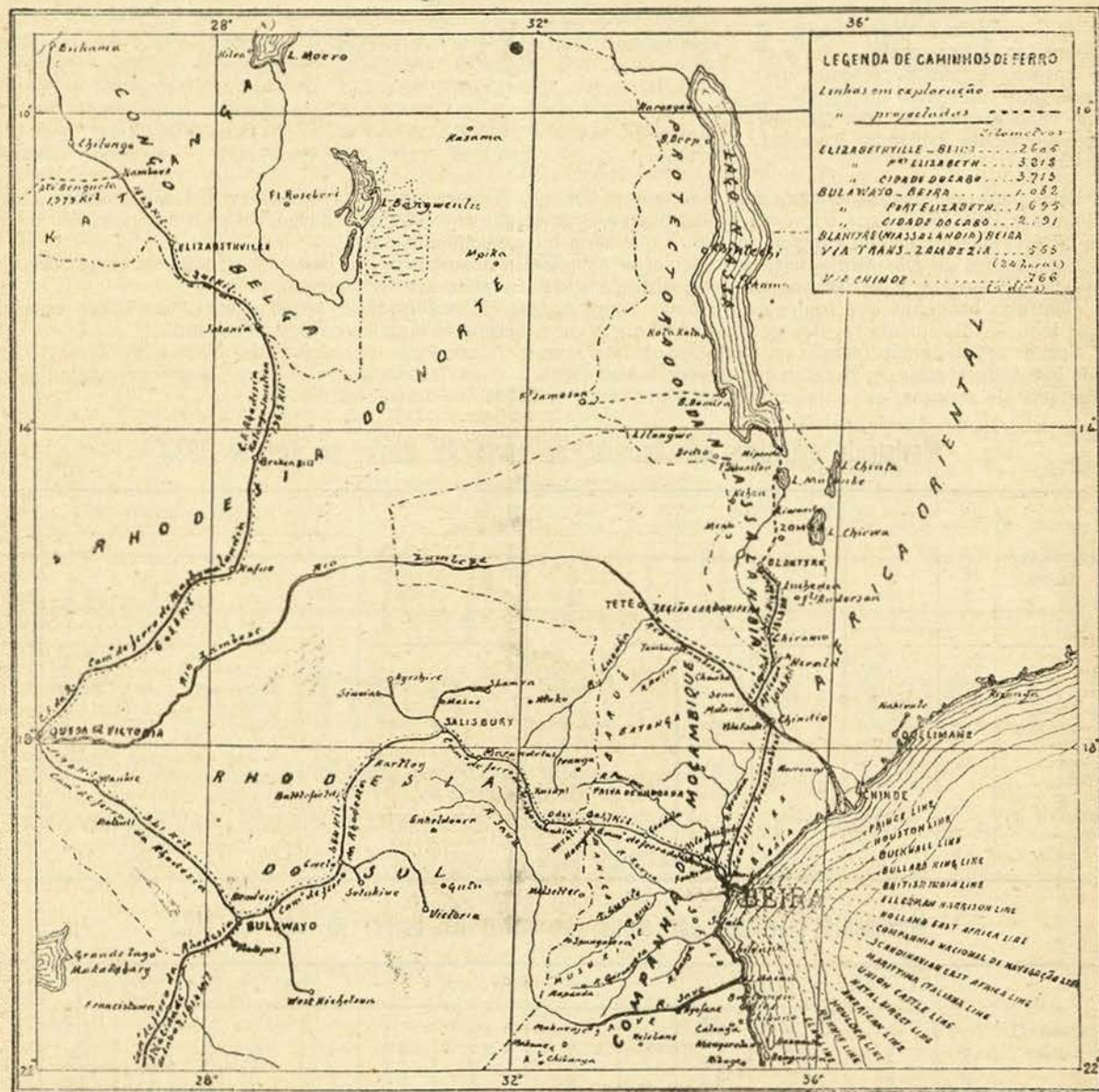
Movimento marítimo por saída, no porto da Beira, no ano de 1923

NACIONALIDADE	NAVIOS DE LONGO CURSO				NAVIOS COSTEIROS				TOTAL DOS NAVIOS ENTRADOS				Pequena cabotagem Número de embarcações
	Número	Arqueação	Carga embarcada	Passageiros desembarcados	Número	Arqueação	Carga embarcada	Passageiros desembarcados	Número	Arqueação	Carga embarcada	Passageiros desembarcados	
Portuguesa	16	93:467	13:386	609	53	48:954	232	1:003	69	142:421	13:618	1:612	539
Alemã	23	142:652	16:620	792	61	19:289	1:624	132	84	162:941	18:244	924	—
Americana	7	26:389	1:727	5	—	—	—	—	7	26:389	1:727	5	—
Dinamarquesa	1	3:494	—	—	—	—	—	—	1	3:494	—	—	—
Holandesa	27	126:301	8:845	97	3	2:685	8	7	30	128:986	8:853	104	—
Inglesa	219	897:987	282:134	2:097	36	34:012	442	52	255	931:999	282:576	2:149	—
Italiana	4	12:289	5	—	—	—	—	—	4	12:289	5	—	—
Monaco	—	—	—	—	9	3:962	50	9	9	3:962	50	9	—
Norueguesa	10	34:664	3	—	—	—	—	—	10	34:664	3	—	—
Suécia	2	9:563	45	—	—	—	—	—	2	9:563	45	—	—
Total geral	309	1.346:806	322:765	3:600	162	108:972	2:356	1:203	471	1.456:708	325:121	4:803	539

Companhia de Moçambique

Comunicações Ferro-Viarias — BEIRA

Porto dos territórios da Companhia de Moçambique e o principal da Rhodesia do Norte e do Sul-Katanga Belga. — Protectorado da Niassalândia e vale do Zambeze



Exportação de milho da Beira

Durante o ano de 1923 foram exportados pelo porto da Beira 1.250.000 sacas de milho. Desse numero 797.000 sacos provinham da Rhodesia e 387.000 do territorio da Companhia de Moçambique. Estes importantes embarques indicam que a Beira está mantendo a sua posição de segundo porto cerealifero da Africa meridional e oriental



Índia

GOVERNO GERAL DO ESTADO

Um interessante discurso do Governador cessante

Terminou o período de 5 anos, durante o qual esteve entregue ao Sr. Dr. Jaime de Moraes o Governo Geral do Estado da Índia.

Na sessão do Conselho Legislativo, realisada em 5 de Novembro, ultima a que deveria presidir se o Governo Central não determinasse a sua conservação no alto cargo que exercia, pronunciou S. Ex.^o um discurso, de que extratamos parte, por constituir, por assim dizer, um relato da sua acção de governo e um balanço á situação económica do Estado da Índia.

Disse S. Ex.^o.

Ha 5 anos na Índia, quasi se não passou um só dia que não ouvisse ou lesse afirmações como as que reproduzo:

- Caminhamos para a bancarrota,
- A nossa situação é a de ruina;
- Só se criam impostos e não se reduzem despesas;
- Estamos á beira do abismo!

Verdade seja, meus senhores, que junto d'ele, ninguém sentiu vertigens, que eu saiba!

Mil vezes deste lugar, com números e com factos, provei o contrario: mas, embora nunca me discutissem esses factos e esses números, deu-se a impressão de que a ninguém eu tinha convencido.

Assim essa lenda, que poderia figurar nas velhas lendas de Gaspar Corrêa, correu por todo o país, desde Tiracol a Polém e do Indico aos Gates; foi espalhada além fronteiras, chegou ás colonias de Africa.

E nesse caminhar tomou contacto com a Motrópole.

Foi ella imensamente facilitada pelas afirmações feitas em relatórios sobre os nossos orçamentos, embora as tivesse rebatido.

Como se emocionam, pois, V. Exas. perante este facto?

Mil vezes repeti a V. Exas. qual é o resultado e o valor da nossa ob-

ra, e digo nossa, pois ella pertence igualmente a V. Exas.

Mil vezes expliquei o quanto tinha de aparente a gravidade da situação presente.

Já o digno vogal deste Conselho o meu Exmo. amigo, o sr. Sales de



O SR. DR. JAIME DE MORAIS
Governador cessante do Estado da Índia

Andrade, disse que eu pronunciava muitos discursos! Veja V. Exa. o quanto fiquei áquem do indispensavel!

Ainda hoje tenho de pronunciar mais um, repetindo o que tantas vezes já disse!

V. Exas, querem um resumo da situação que encontrei dias depois da minha posse?

Dignem-se V. Exas. notar que o

actual regime da administração se iniciára poucos meses antes:

Num documento firmado pelo director de fazenda de então, ella está bem patente.

Peço a V. Exas. toda a atenção para os numeros que vou citar:

a) Fui informado de que, só quando se com a receita extraordinária de 1.70.000 rupias, que dias depois se esperava receber, como ultima prestação da venda da mata de Umboreui (Nagar Aveli), se poderiam pagar os vencimentos desse mês - Novembro de 1919 - Sem esta providencial entrada de fundos, logo iniciaria o meu Governo por uma cessação de pagamento de vencimentos.

b) Deviamos a empreiteiros das O. P. mais de 1.75.000 Rps. (vêem assim V. Exas. que este mal de longe vinha).

c) Devia-se das primeiras emissões do empréstimo de viação e do da cidade de Vasco da Gama, cerca de 134.000 Rps.!

d) Aos depósitos judiciaes, orfanológicos e de defuntos e ausentes, devia-se cerca de 220.000.

e) A outros depósitos devia-se um pouco menos de 10 laques!

E note-se que, um pouco depois, fui accusado de ter esgotado os fundos dos depósitos!

f) O projecto de orçamento para 1919-20, que me foi apresentado em Dezembro, accusava um déficit de cerca de 16 laques!

g) A capacidade do contribuinte da Índia estava esgotada, informação esta não do documento a que aludo mas produzida por todos os que na Índia se occupavam do nosso problema financeiro!

h) O funcionalismo da colónia, em grande parte com vencimentos que vinham de há muitos anos, reclamava uma melhoria da sua situação, em face da carestia da vida que era evidente.

i) Tinha-se feito uma operação da transferencia com fundos dos bens de inimigos, que V. Exas conhecem

que hoje nos traz um encargo anual da cerca de 70.000 Rps.

V. Exas. só podem estranhar que desde logo, não fizesse as malas e tivesse declinado a honra de administrar superiormente este Estado.

Cinco anos passados, depois de um esforço que não posso medir, devido em grande parte ao apoio de V. Exas, a nossa situação é a seguinte:

1.º Os nossos débitos a empreiteiros das O. P. não atingem 1.00.000 rupias e isto depois de, em 5 anos, termos gasto as dotações inteiras das O. P., superiores em 50% ás anteriores;

2.º Nada devemos aos fundos dos empréstimos citados;

3.º O movimento dos depósitos judiciais e outros, está entregue á Caixa Economica Postal, libertando se o Estado desse péso, tendo satisfeito os seus compromissos e estando assim este serviço completamente regularizado;

4.º Os pagamentos de vales postais, que com tanta irregularidade corriam, estão em dia e não há a menor queixa fundada contra este serviço, pois a elle damos sempre a primeira preferência;

5.º E' muito menor o débito aos diversos depósitos;

6.º O nosso orçamento ordinário não tem défict;

7.º Nada dispendo o Estado, em 1919, para melhoramentos, temos hoje, além de cerca de 1.75.00 Rps. anuais, que constituem receita da C. M. M., receita que sempre consideramos como sagrada, e o fundo de fomento e com alguns laques de rupias para obras da mais indiscutível utilidade.

Devemos, é um facto, 5 meses de vencimentos (há um ano deviamos 6) embora estejam pagos em dia os vencimentos de praças, de funcionários vencendo menos de 50 rps., e de todos os das Praças do Norte.

Isso deve representar cerca de 6.50.000 Rps.

A este débito há a juntar cerca de

1.50.000 Rps., como máximo, de empreiteiros, fornecedores e todas as outras despesas.

Assim, o nosso passivo é de 8.00.000 Rps.

Mas este passivo não está a descoberto, meus senhores!

Falta-nos receber do empréstimo de 1922 cerca de 4.50.000 Rps.

Do empréstimo de Abril de 1924 devemos receber cerca de 6.00.000.

Só destas origens, constituídas por empréstimos votados, autorizados e já com verbas inscritas nos orçamentos para as amortizações, obtemos 10.50.000 Rps., ou sejam mais 2.50.000 Rps. do que o nosso passivo, devendo, porém, reservarmos uma sua quota parte para o pagamento de débitos na Metropole, cujas contas ainda não recebemos.

Mas ainda há mais:

O Banco ainda não entregou as suas percentagens dos anos de 1921, 1922 e 1923, já num total superior a 6.000.000 Rps.

Dentro de menos de 2 mezes vence-se a percentagem de 1924, superior a 2.20.000 Rps.

As diversas Provincias Ultramarinas, depois de pagos os nossos débitos, incluindo Macau, única colónia de que somos devedores, ainda nos são credoras de cerca de 12.00.000 Rps.

Se este nosso credito nos fosse pago, em tempo, dispensavel mesmo era a realização dos empréstimos que citei.

E' esta a nossa situação real, muito longe, assim, de merecer qualquer critica severa.

E lembrem-se V. Ex.ª que pude, felizmente, fugir aos conselhos que me deram no sentido de reduzir ao mínimo as despesas das O. P., de Agrimensura e da Agricultura; se tal se tivesse feito, as nossas estradas

das seriam hoje péssimos caminhos de mato; nesta data impossivel nos teria sido dar o admirável esforço de propaganda e de experimentações que os serviços agrícolas estão a realizar e que tanto vão calando no espirito dos que se interessam pelos problemas economicos deste Estado.

Não, meus senhores — não é bem uma situação de ruina a nossa.

.....
.....
Hoje, em 1924, há na India menos funcionários que antes da guerra, exemplo difficil de se apresentar, e seis, praticamente, em quasi todos os torviços.

E não se diga que o que eles produzem é menor: pelo contrario, em todos os ramos o seu esforço está sendo dado quasi no máximo.

O nosso esforço, pois, repito, que é tambem o de V. Ex.ª, foi honesto. Ele falará por nós, meus senhores, quando na India, longe já das paixões, o apreciarem, calmamente.

Trabalhamos muito e persistentemente. E' obra que fica, se a não quiserem inutilizar.

O que ela representou de sacrificios, de lutas, de desgostos, só quasi eu o posso bem apreciar.

Foi por me convencer que a poderia realizar; foi por ter fé no futuro da India; foi por nunca me deixar subjugar pela onda de pessimismo que assolava que, ao conhecer em detalhes a situação que encontrei em 1919, resolvi meter hombros a esta tarefa tão dura e tão ingrata. Conteí com V. Ex.ª e não foi de balde.

Muitas vezes discordamos; mas sempre, como regra, encontramos um terreno de útil entendimento, para o bem do Estado.

Continuem V. Ex.ª nesta orientação, bem decididamente, sem hesitações, e podem ficar na convicção de que não é bem a ruina que nos espera.

E isto para honra da India, meus senhores!

Numeros especiais

A «Gazeta das Colonias» tenciona editar, em cada ano, um numero especial dedicado a cada uma das nossas Provincias Ultramarinas.

Esses numeros destinam-se, sobretudo, a fazer um cuidado registo de todo o progresso das nossas Colonias, pondo ao mesmo tempo em destaque, os factores do seu desenvolvimento comercial, industrial, agrícola, etc. e as suas necessidades mais instantes.

Os numeros especiais, que serão largamente ilustrados, deverão constituir um valioso meio de propaganda do nosso esforço de colonisação.

Para eles espera a «Gazeta das Colonias», toda a colaboração dos nossos coloniais, no sentido de tornar tão proveitoso quanto possível o esforço que dispenderá com a sua iniciativa.

Por motivos estranhos á nossa vontade, não pode ser publicado no presente numero o ultimo artigo da série que sob a epigrafe *A crise de An-h-la*, o nosso brilhante colaborador, sr. Major Leite de Magalhães, tem vindo publicando

Esse artigo, a que o illustre colonial deu o sub-epigrafe *O mal e o remedio. Justiça inglesa*, será publicado no proximo numero.


SANTOS, OLIVEIRA & C.ª
 Comerciantes e Agricultores
 Comissões e Consignações
LOANDA E MALANGE



Macau

INTERESSES DA COLONIA

O problema da instrução

Do sr. Engenheiro Raul B. Real, que no cargo de director do Arsenal de Macau deu inequívocas provas duma notável competência, aliada a uma grande dedicação pelo progresso da Colonia, recebemos uma carta a que a seguir damos a publicidade que nos é pedida.

E' mais um elemento para o estudo do problema da instrução em Macau, assunto sobre o qual varias opiniões têm já sido registadas nas nossas paginas, e que entendemos merecer uma larga discussão, pela incontestavel importancia que reveste.

...sr. Director.

Nos numeros 8 e 12 da sua interessante *Gazeta*, tem o problema da instrução em Macau merecido insistentes referencias, tendo sobre ele apresentadas opiniões que, embora muito dignas de atenção e de respeito, carecem de ser remetidas ás devidas proporções e ajustadas á razão e á verdade.

Quem tenha lido o que na *Gazeta* se tem dito sobre a instrução em Macau, poderá depreender á primeira vista que tal assunto, só presentemente começa a ser debatido, quando é certo, e sem melindre para quem quer que seja o diremos, que por nossa parte o consideramos já absolutamente estudado e resolvido.

No decurso dos ultimos catorze anos, periodo a que me estou reportando, foi Alvaro de Melo Machado, um dos mais distintos officiais da nossa marinha, infelizmente haja afastado dos serviços dessa corporação e do convívio dos seus camaradas que muito o estimavam e apreciavam, o primeiro governador que aos assuntos da instrução dedicou assinalado interesse.

Por sua iniciativa foi criada a primeira escola «Republica», comemorando o advento do actual regime, escola essa que ele manteve pelo seu

bolso particular e pelo de alguns amigos dedicados. Enormes foram as dificuldades a vencer para se conseguir manter essa escola, sobretudo depois de Alvaro Machado ter deixado a Colonia em 1912.

A falta de recursos poderá ser avaliada—sabendo-se que, ao tomar o signatario desta carta a direcção da Escola, em Outubro de 1913, recebeu do seu antecessor um saldo de quatro escudos e sessenta e dois centavos em cofre, e uma quotisação mensal de trinta escudos e vinte e cinco centavos.

A despeito disso continuou a Escola funcionando com uma frequencia de setenta alunos chineses, aos quais se ministrava o ensino, exigindo-lhes a aprendizagem da lingua portugueza.

A' custa de muitos esforços não só se manteve de pé essa bela obra do Governador Alvaro Machado, mas conseguiu-se fazê-la fazer fructificar; e, hoje em vez duma escola «Republica» existem tres, sendo duas em Macau e uma na Ilha da Taipa, com uma frequencia de muitas centenas de alunos.

A direcção da primeira escola «Republica», que tive a meu cargo, representa o elo que prendeu as minhas atenções aos assuntos de instrução em Macau e será a justificação da interferencia official que mais tarde me foi dada, e que poderia parecer descabida, sendo a minha situação na colónia a de official de marinha, da guarnição da canhoneira «Patria».

Não poude o governador que a Alvaro Machado se seguiu e que foi o illustre official de artilharia Anibal Sanches de Miranda, deixar uma obra notavel em materia de instrução.

Todas as suas atenções tiveram que ser dedicadas a assuntos que interessavam o prestigio moral e o desafogo económico da colónia e neste campo bastante lhe ficou devendo o

Paiz, pois sem a sua bem orientada acção no que respeita á arrematação do exclusivo do opio, talvez que ainda não tivesse podido sair do campo das aspirações, a obra que em Macau se está realisando.

Em 1914 tomou o Governo da colónia José Carlos da Maia, esse grande e desventurado amigo, cuja perda ainda hoje sentimos com irreprimivel revolta e cuja obra em Macau hade ser sempre recordada com saudade.

O problema da instrução mereceu a Carlos da Maia um especial carinho, que logo deixou transparecer nas primeiras palavras que lhe ouvimos, após a sua chegada. Dizia-nos ele: «Necessitamos trabalhar muito e sobretudo erguer do caos o estado a que a instrução chegou na colónia».

E de facto nesse sentido foram as suas primeiras diligencias; tendo tomado posse do Governo em 10 de Junho de 1914, logo em 6 de Julho, pela Portaria Provincial numero 160, nomeava uma c missão a quem entregava a elaboração das bases em que deveria assentar a re'orma da instrução.

Sob a presidencia do actual deputado por Macau, sr. Manuel Ferreira da Rocha, ao tempo Secretario Geral do Governo da Provincia e consequentemente Inspector da Instrução Publica, constituiram a comissão, com vogais, os srs. Francisco Xavier Anacleto da Silva, hoje senador por Macau e nessa data vice-Presidente do Leal Senado; Francisco Gonçalves Velhinho Correia, deputado da Nação e então professor do liceu; Dr. Carlos de Melo Leitão, Presidente do Leal Senado; Mateus Antonio de Lima, engenheiro e Reitor do Liceu; Artur da Silva Basto, Director das Escolas Luso-Chinezas; Patricio da Luz, Director da Escola Commercial dos Macaenses; Francisco Xavier Gomes, Director das

Escolas Primarias; como secretario, tomou parte nos trabalhos da comissão, o signatario desta carta, que dirigia ao tempo a Escola «Republica».

Funcionou a comissão durante os mezes de Junho e de Agosto e, como a todos animava o desejo de rapidamente produzir trabalho util, já em Setembro eram presentes a Carlos da Maia, as bases p didas e que foram precedidas por um muito inte-

vão exercer em Hong-Kong, Shanghai, Japão, Manila e em outros pontos e considerando que não seria lógico nem justo subordinar os interesses e legítimas aspirações da maioria ás comodidades do menor numero, entendeu dever dar a supremacia ao ensino com caracter tecnico, por ser o que mais se ajustava ás necessidades da população.

Assim resolveu a comissão propôr

subsídio para quem o merecesse, propôs a utilização da magnifica Universidade de Hong-Kong, a quatro horas de Macau, onde qualquer se poderia especializar na engenharia, na advocacia, na medicina, nas artes, etc. Como preparatórios para a frequência dessa Universidade, reconheceu a comissão serem suficientes os conhecimentos adquiridos nas três primeiras classes do Liceu, equiva-



MACAU—Escola Municipal na Ilha da Taipa

ressante relatório, que pena é, não seja conhecido.

No seu trabalho reconheceu a comissão que o liceu, então com cinco classes, tinha uma frequência diminuta, havendo apenas dois ou tres macaenses que as tivessem aproveitado para seguirem cursos superiores; havia, é certo, que ter em consideração a frequência por parte dos filhos dos funcionarios que da metropole iam desempenhar as suas comissões em Macau.

A comissão, porém, tendo em vista que a quasi totalidade de macaenses se dedicam á vida comercial, que

que o ensino liceal fôsse reduzido ás três primeiras classes e que o ensino comercial fôsse instituido com o desenvolvimento conveniente para pôr os macaenses em condições de concorrerem com chineses e outros estrangeiros, que em magnificas escolas eram preparados, e perante os quais os nossos mantinham uma deprimente situação de constante subalternidade.

Não deixou, porém, a comissão de prever a hipótese de qualquer macaense desejar seguir qualquer curso superior, comquanto a tendencia do maior numero não fôsse essa; e assim, admitindo em principio o

lentes aos que a Universidade exigia e considerava indispensaveis.

Votou assim a comissão, por unanimidade, a redução do ensino liceal ás três primeiras classes.

Não procurámos saber se tal procedimento provocou protestos, que de resto, só poderiam partir dos funcionarios que eventualmente em Macau tivessem seus filhos.

Enviadas para a Metropole as bases e o relatório elaborados pela comissão, nenhuma resolução, nos consta, foi tomada sobre eles, sendo de prever que se encontrem sepultados no arquivo do Ministerio...

Voltando nós a Macau, em 1918, fomos encontrar o liceu com sete classes, em vez das três que tinham sido propostas; os professores já não eram interinos, eram effectivos; quanto a frequência são elucidativos os elementos que possuímos e pelos quais vemos que em 1919 teve o liceu nas sete classes, 37 alunos matriculados, sendo apenas 25 macaenses, e os restantes filhos de metropolitanos; esses 37 alunos, reduzidos depois a 32, pois 5 vieram para a Metropole, estavam assim distribuídos; 7 no 1.º ano; 9 no 2.º; 2 no 3.º; 5 no 4.º; 7 no 5.º; no 6.º e 1 no 7.º de letras. Destes alunos foram examinados 7, dos quais foram aprovados 6. Entretanto no orçamento da Provincia, referente a esse ano, nota-se no capitulo IX, para instrução secundaria, a linda soma de 75:500 patacas, que ao cambio de hoje deve dar qualquer coisa como escudos 755:000\$00!

Nunca nos constou, até 1921, ano em que de Macau saímos, que a frequência do liceu tenha aumentado, a não ser pela matricula de filhos de funcionarios temporariamente estabelecidos na colonia.

Posto de parte o trabalho da comissão a que me referi, vejamos como está organizado o ensino secundario e comercial em Macau; anexo ao Liceu, com as suas sete classes, ha o Instituto Commercial; anexo ao seminario de S. José, funciona um curso

comercial e na Escola Commercial, propriedade da Associação Promotora da Instrução dos Macaenses, existe um outro curso com a mesma feição.

Como confirmação do criterio seguido pela comissão, basta registar que, emquanto o liceu tinha em 1919, 32 alunos nas 7 classes, dos quais só 25 eram macaenses, tinham os cursos comerciais uma frequência de cerca de quatrocentos alunos.

Mas será boa a organização desses cursos? Duvidamos e esta nossa duvida assenta no seguinte facto: a maior parte dos alunos dos cursos comerciais frequenta a escola anexa ao Seminario, onde o ensino está entregue, no 1.º ano, a um sacerdote e nos restantes 4 anos a um inglês, Mr. Joseph B. Hughes; será possível um ensino eficaz a um consideravel numero de alunos e versando disciplinas diversas, exercido apenas por dois professores? Esta é a nossa duvida.

A verdade é que os macaenses continuam manifestando uma grande inferioridade de preparação, que lhes não permite a situação que eles desejam e os Poderes Publicos lhes deveriam garantir.

Na carta em que se defendem os pontos de vista do sr. dr. Rodrigo Rodrigues, falando-se na educação feminina, defende-se tambem o regresso das religiosas a Macau.

E' tambem uma ária muito cantada em varios tons, essa da riqueza para a colónia, com a ida de familias que irão visitar as filhas se os conventos voltarem...

Então não bastará o collegio de Santa Rosa de Lima, que tão bons resultados tem dado, segundo as informações insuspeitas que temos?

Mas quando não baste, que se leia o estudo a que nos temos referido, e lá se encontrarão, cuidadosa e inteligentemente elaboradas por Velinho Correia, as bases em que deve assentar a educação feminina em Macau, pois que nem isso a comissão deixou de ponderar.

Sr. Director, como resumo do que penso sobre este problema da instrução em Macau, cuja importancia escuso de encarecer, direi que um caminho está indicado; *desenterte-se* do arquivo do Ministerio das Colonias o projecto que Carlos da Maia, na sua honrada, inteligente, patriotica e republicana acção como governador, fez elaborar; estude-se e discuta-se esse projecto e se de defesa carecer, estamos certos, que ela não lhe faltará por parte de três dos seus signatarios, que hoje tem assento no parlamento. Este é o caminho.

Agradecendo a V. a publicação desta longa carta, sou de V. etc.

RAUL BOAVENTURA REAL

COMPANHIA AGRICOLA DA BEIRA

CAPITAL £ 350.000

Productores do Extracto de Mangal — Sabão
Madeiras Serradas — Milho — Algodão
Feijão e Amendoim

CREADORES DE GADO

SÉDE

Rua do Crucifixo, 16, 2.º

LISBOA

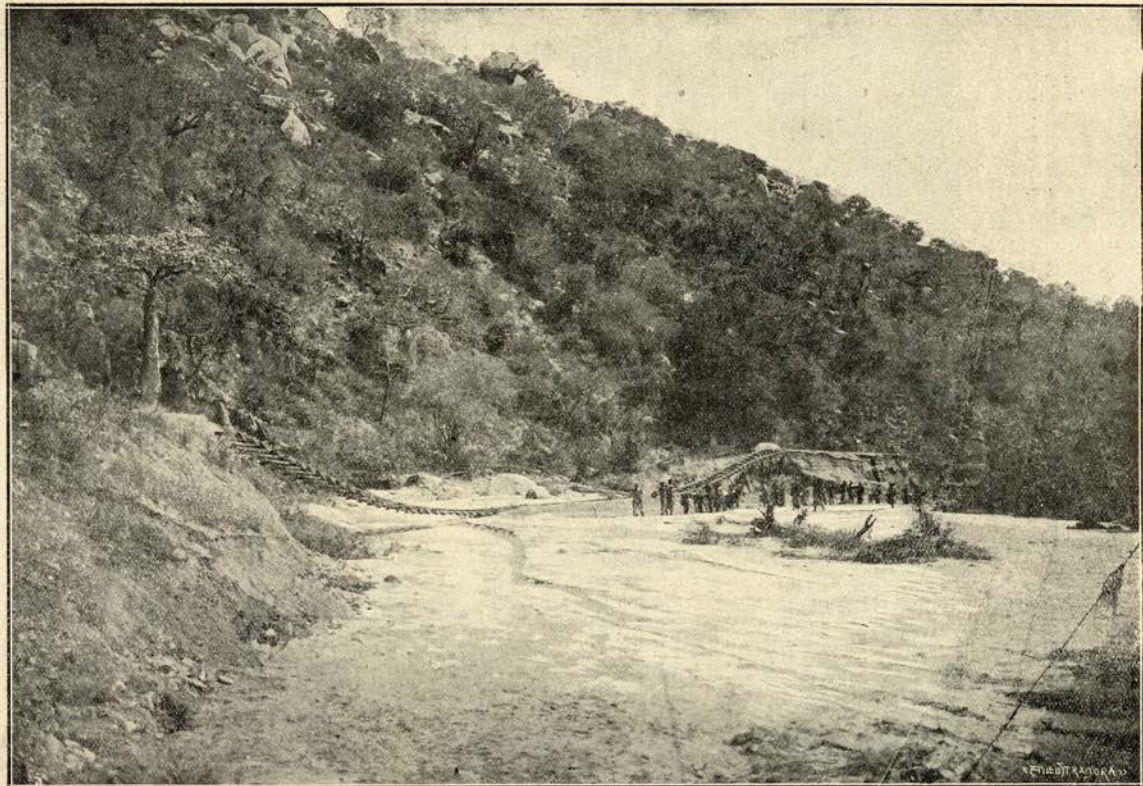
ADMINISTRAÇÃO EM AFRICA

BEIRA

Caixa Postal 162 — Africa Oriental Portuguesa

Endereço Telegrafico — AGRIBEI

O SEU MOTOR EXIGE
Spidoléine O ÓLEO QUE LUBRIFICA



ANGOLA — Interessante aspecto das avarias causadas pelas chuvas em Abril de '1913 ao quilometro 80,500

ARTE

RD. CARLOS AMARO : : : :
 LUIS MOITA : : : : : : : :
 JOSÉ AUGUSTO MELO VIEIRA

TEATRO — LITERATURA — MÚSICA — PINTURA, ETC.

Da "Lenda de Santa Barbara" de João Saraiva

*Cortam-lhe os seios de neve.
 Ficam no chão a sangrar...
 Naquele 'ago de sangue
 Cada seio é um nenuphar!*

*«Perto do velho castelo
 O cenó fatal se erguia...
 S'ria o proprio Dioscôro
 Que a filha degolaria.*

*Um formidavel trovão
 Entre as nuvens estrugiu
 E junto ao corpo da filha
 O corpo do algoz jazia...*

*Ali o caso estupendo,
 Muitos infieis convertia,
 E a Santa, entre anjos, voava
 Aos pés da Virgem Maria!*

Da "Lenda dos Seios Cortados" de Frei Carlos

A mãe de Deus mal a viu
 Ficou de pena a chorar:
 «Que fizeste dos teus seios?»
 Poz-se logo a perguntar.

— Os meus seios não n'os tenho,
 Porque os não deixei beijar:
 Eu quiz salvar a minh'alma
 Meu pai m'os mandou cortar.

«Com essas chagas no peito
 Como te queres salvar?
 A sede ardente dum noivo
 Não n'a soubeste matar!

— Antes as chagas no peito
 Tão negras a negrejar,
 Do que o halito dum homem,
 Do que os beijos a queimar.

«Beijos d'amor são anuncio
 Duma luz que vai brilhar,
 Erguem-se os peitos mais altos
 Como as rosas ao luar...

— Não quero a luz nem as rosas!
 Na minha torre a scismar
 Eu só quiz a vosso Filho
 Que morreu por nos salvar.

«A Jesus Cristo, meu Filho,
 Como o saberás adorar,
 Se a um fruto do teu ventre
 Nunca deste de mamar?

«Não serás nem nunca foste:
 Pois vida não podes dar,
 E a teu Pai que te gerou
 Tu o fizeste matar!...

*
 * *

Calou-se Barbara ouvindo
 Tais palavras, e curvando
 A triste fronte chorosa,
 A terra ficou mirando...

E lá em baixo na praça
 Do supplicio, inda sangrando,
 Dos seus seios se erguia
 Um par de pombas voando!

Casal de pombas de neve,
 Onde quer que vá poisando
 Seus bicos tecem mil beijos,
 Vão-se as azas abraçando!

Ao vê-las nas altas torres,
 Ou no azul do céu pairando,
 Ficam-se os velhos sorrindo,
 E a gente moça, noivando!...

Pelos beirais dos telhados
 A' luz do Sol arrulhando,
 Tornam fecundas as casas,
 Riem crianças em bando...

E as pombas foram subindo
 E as pombas foram voando...
 A's portas d'ouro do céu
 Olhai que já vão entrando!

Tão brancas as brancas pombas,
 As brancas azas rufando,
 No triste peito de Barbara
 As duas vão-se aninhando...

Com seus dedos, lirios finos
 Ela as está segurando,
 Os roseos bicos lhes beija...
 Ou seus seios 'stá beijando?

Sorriu a Virgem Maria
 E o bom Deus quando tal viu...
 Por todo o céu luminoso
 Um grande riso se abriu!

Sorriu o Pai Dioscôro
 Lá no Inferno onde caiu...
 E ao ver sorrir toda a gente,
 — Santa Barbara sorriu!

*
 * *

E foi daí por diante
 Que a Santa, já perdoada,
 Nos salva a nós, pecadores,
 Sempre que faz trovoadas.

Salva o pastor e a ovelha,
 Salva a casa ameaçada,
 Salva rebanhos inteiros
 Salva a seara doirada.

Salva as crias pequeninas
 E a oliveira carregada,
 A mulher que está de parto
 Não vá morrer d'assustada;

Salva as feras, salva as flôres,
 A mansa vaca malhada,
 — Salva aquel' triste senhor
 Que quere a filha casada...

Salva a barca no mar alto
 Que vai quasi naufragada,
 — O pescador mail'as rédes
 O cavador mail'a enxada.

E quando passa a tormenta
 E tudo ri em redor
 O par das pombas arrulha,
 — Seus seios tremem d'amor!

TEATRO

BILHETE POSTAL

Meu Querido Colono:

Esquecia-me dizer-lhe como foi feita a repartição da companhia de Amélia Rey Colaço. Este inverno principia com muitas coisas que passam da oportunidade nestes Bilhetes Postais, em que eu me lembro de si carinhosamente. Você perdê-me, e creia sempre nos desejos que me animam de lhe apontar, cá de longe, as coisas que nos nossos teatros, merecem ao menos o trabalho despretençioso deste apontamento. E acredite, meu amigo: quantas vezes eu me sento aqui á secretária a escrever-lhe só pela obrigação restrita de lhe dar notícias e de não deixar perder o vapor.

Pois este inverno Amélia Rey Colaço estreia-se com uma comédia hespanhola, localizada na America e traduzida para o portuguez pelo jornalista sr. José Sarmento. Afastada a confusão cosmopolita, devo dizer-lhe que esses despretençiosos trez actos foram postos em scena com muito cuidado, resultando essa representação cariciosa para os olhos, simpatica ao ouvido e leve para o espirito, como convem no momento que atravessamos aqui, em que o publico exige teatro de não pensar, inverosimil como qualquer sonho opiado, teatro de meter em calças pardas o cinematografo, de dar sóta e az á fantasia archi-oriental da gente do Novo Mundo...

Sem pensar talvez que o exito é mais fácil neste aspecto popular da ribalta, a verdade é que Amélia Rey Colaço venceu, com a sua companhia, as dificuldades que se erguam entre as provas d'arte que tinha apresentado e a compensação legitima da sua honestidade artistica. E' Preciso Viver, agradou ao grande publico e notaremos que, a despeito de dois ou trez modernismos interessantes, como pôde servir de exemplo a descida do piano em meio do 1.º acto para mostrar, cinematograficamente, que passaram 3 ou 4 horas sobre a continuidade de tempo, — a peça é doce como um capricho e teimosa como um desejo de creança. Porisso Amélia Rey Colaço libertou os seus movimentos de corpo esvelto e de artista intelligente, esquecendo, quiçá propositadamente ou por dever das circunstancias, o que estaria certo fosse exigido do seu nome. Bem sabemos que nas empresas de teatro a bilheteira tem a maior influencia. Não importa. Amélia Rey Colaço não perdeu nenhuma oportunidade de ser uma grande actriz, simplesmente porque o não tinha. A sua peça hespanhola chegou á ribalta do Poiteiro num momento vazio, um momento irreverente a grandes creações. E' Preciso Viver foi uma peça d'ocasião, necessária a perpetuar a fivolidade ou o cansaço dum publico que não devesse sofrer, nem mesmo através dum sonho que lhe n'na poude ter a coragem de crear. Em boa verdade, Amélia Rey Colaço continuou para dentro destes mezes outonics com a pratica do teatro engraçado, das ep'cas de verão. E se a sua figurinha suava pôde em scena uma nota fresca de virtude, uma

chispa firme de talento, a peça hespanhola, traduzida ao portuguez por José Sarmento, continúa com as suas scenas facels de provincia americana, impondo á Rey Colaço a delicia garcherie duma cosinhetta improvisada, e fazendo lembrar os tempos em que a artista d'hoje ensaiava os primeiros passos, de braços estendidos para outro Artista que a Morle não de'xou continuasse a insuflar-lhe o segredo enterece lot desse milagre que, em suas mãos, vai perdendo o inconscientemente a forma, por maldade do tempo que não de'xou, soprando uma vida que es'a fosse bejada difinitivamente de Imortalidade!...

LUIS MOITA.

MANTUA, Ltd.



29 a 37

Calçada de S. Francisco
LISBOA

SOUSA MACHADO & C.ª

Sede em LOANDA

Angola — Cabo Verde — Guiné — Lisboa

Importação e Exportação — Productos Coloniais
Cereais de Angola — Comissões e Consignações

Representantes privativos na Africa
Occidental Portuguesa da:

FORD MOTOR COMPANY E. U. A.

Filiais no: LOBITO HUAMBO

Representação e Importação exclusiva de carros de turismo, camionetes, tractores FORDSON, accessorios e sobressalentes

Filial em Lisboa — RUA GARRETT, 62, 2.º

END. TELEG.) Para Angola — SOMA
) Para Lisboa — SLGUE

DESPORTO

ARTUR
INEZ

Nota preambular

Os jornais rigorosamente desportivos e as secções desportivas dos grandes rotativos constituem uma formidável força de propaganda pró-desporto que nem sempre tem sido convenientemente aproveitada pelos próprios jornalistas da especialidade.

Recordo-me de ter ouvido há anos

E no desporto, se os jornalistas aparecem e se multiplicam como os cogumelos, a estulticia surge igualmente como parte adjacente.

A principal consequência da impreparação e da falta de conhecimentos de certos jornalistas, leva-os geralmente á polémica estéril e incorreta, sem nenhuma especie de elevação moral, nem mesmo respeito pelos restantes camaradas.

desporto se impropieiam num dize tu, direi eu, inutil e prejudicial á causa.

Que vantagens adveem dum tal estado de coisas?

Estou certo de que nenhuma.

E' necessario portanto que se mude de rumo e trabalhemos todos lealmente, sinceramente para o bem comum.

Se é verdade que há casos em que nem todos poderemos estar de acordo, discutamos esses assuntos com um

Na nossa colonia



BEIRA—A primeira categoria do «Sport Lisboa e Beira», que no ultimo campeonato de foot-ball se classificou em 2.º lugar, é um dos mais fortes teams da nossa Africa Oriental, possuindo os seus jogadores excelentes qualidades de tatica e energia

dizer a um dos nossos mais interessantes homens das gazetas que o jornalismo é a unica profissão que não necessita de aprendizagem.

Eu compreendo bem a ironia desta afirmação. E todavia, ainda ando a aprender, não sabendo até se cheguei ao fim...

Supõem o contrario muitos jornalistas que surgem todos os dias nos periodicos ditando dogmas do alto da sua cátedra, sem a minima especie de preparação mental ou scientifica.

Devo declarar francamente que mesmo sem se saber gramatica, se pode ser delicado...

Um espirito doentio de ataque insensato e chocarreiro parece conduzir muitos dos que pontificam nas gazetas, nas secções desportivas, para o campo onde se celebrizaram como polemistas raros, Camilo, Eça, F alho, Silva Pinto, Ramalho e tantissimos outros... que não escreviam sobre desporto, pelo que me consta.

Todos os dias os jornalistas de

grande aprumo moral, sem descer ao baixo insulto, improprio de homens honestos e educados que mourejam penas. O contrario, se patenteia claramente uma ausencia absoluta de elegancia moral, vem do mesmo modo prejudicar, tornando inuteis, todos os esforços que saçamos para elevar a um nivel superior o desporto nacional, que, embora a muitos peze, se encontra ainda num estado embrionario.

A. I.

Foot-ball

Complica-se o campeonato de foot-ball. O Bemfica, que todos supunham em má forma, bateu copiosamente o Vitoria por 6-0.

Depois temos o Belenenses e o Casa-Pia que empatam zero a zero. E logo a seguir o Sporting, que todos julgavam vêr em forma excelente, depois do seu resultado com o «Español» de Barcelona (não obstante o 3-2 que o Belenenses lhe marcou) viu-se em serios embarços para bater o Vitoria por 4-3.

O Bemfica que havia feizo uma bela exhibição com o Vitoria, succumbete perante o Casa-Pia por 1-0 e no domingo o Belenenses bateu Vitoria por 3-0.

Segue-se daqui que os grupos menos classificados são o Vitoria, o Bemfica e o Sporting.

No domingo temos o Bemfica-Sporting. Pode desde já dizer-se que o grupo que perder no domingo quasi que pode perder as esperanças do campeonato.

Os mais classificados, actualmente, são o «Casa-Pia e Os Belenenses», que aliás teem feito exhibições correspondentes aos jogos que teem efectuado no decorrer do torneio.

Que e-nos no entanto parecer que o Sporting ainda ha de vir a tornar-se num perigoso adversario. Basta para isso vencer o Bemfica.

Situação actual do Campeonato de Lisboa

1.ª DIVISÃO

1.ª Categoria:

Casa Pia.....	6	pontos
Belenenses.....	5	»
Sporting.....	3	»
Bemfica.....	2	»
Vitoria.....	0	»

2.ª Categoria:

Sporting.....	6	»
Bemfica.....	3	»
Belenenses.....	3	»
Vitoria.....	2	»
Casa Pia.....	0	»

3.ª Categoria:

Belenenses.....	6	»
Casa Pia.....	2	»
Bemfica.....	2	»
Sporting.....	0	»

4.ª Categoria:

Belenenses.....	4	»
Bemfica.....	2	»
Sporting.....	2	»
Casa Pia.....	0	»

Porto-Lisboa

realisa-se em 25 de Janeiro

Realisa-se no proximo dia 25 de Janeiro o encontro anual em foot-ball entre as selecções do Porto e de Lisboa.

O Porto já começou os seus trabalhos de selecção, enquanto que em Lisboa ainda nada há a tal respeito.

Esqueceram já a primeira derrota infligida pelo Porto, no ano passado...

Suissa-Portugal

em lawn-tennis?

Pensa-se na realização dum *match* internacional entre a Suissa e Portugal em lawn-tennis. Segundo parece a ideia só irá por diante depois de creada a Federação Portuguesa de Lawn-tennis, que está em organização.

O Desporto em Africa

No proximo numero publicaremos uma interessante entrevista com o conhecido atleta Rui da Cunha sobre o desenvolvimento do desporto nas nossas Africas.

Grupos estrangeiros em Lisboa

Está assegurada a vinda a Lisboa do grupo húngaro, Szombathely Athletik Klub, a convite do Imperio Lisboa Club.

Os jogos efectuam-se em Palhavã, nos dias 21, 23, 25 e 28 do corrente, sendo seus adversarios o Imperio, o Bemfica e o Sporting.

No Ano Bom tambem virá a Lisboa, igualmente a convite do Imperio o famoso grupo austriaco *First*, de Viena.

Parece que o *Vasas*, de Budapesth, já não virá a Lisboa.

Este grupo vinha convidado pelo Casa-Pia Atletico Club.

Semanas de Armas Portugueza

Começou a Semana de Armas Portugueza, organizada pelo Centro Nacional de Esgrima. A prova de *Juniors* foi ganha pelos atiradores do Centro.

Os resultados finais, foram:

1.º Antonio de Sousa Camara, do C. N. E., com 9 vitorias; 2.º Jorge Lima, do C. N. E., com 7 v. e 2 d.; 3.º Almeida Lima, do C. N. E., com 6 v. e 3 d.; 4.º ex-aequo, Luna de

Oliveira, independente, e Manuel Batista, do C. N. E., com 5 v. e 4 d.; 6.º, ex-aequo, Pereira Borges e José Alegre, ambos do C. N. E., com 4 v. e 5 d.; 8.º Carlos Costa, do Hockey C. P. com 2 v. e 7 d.; 9.º, ex-aequo, Carlos Seabra e Duarte Seabra, do S. C. Oeiras, com 1 v. e 8 d.

Os atiradores da Sala Carlos Gonçalves não concorreram a esta prova.

PELO ESTRANGEIRO

O canadiano G. Smith fez uma grande aposta, em como será capaz de numa pequena canôa ir do Canadá á Italia.

Smith é um fortissimo atleta, que já tem feito grandes percursos em frageis barcos.

A Comissão Sportiva Automobilista de Zurich tinha fixado o dia 25 e 26 de julho proximos para a subida internacional de Klausen. Como a data indicada fóra escolhida pelo Automovel Club de França para o seu Grand Prix, a disputa no velodromo de Linas Monthiéry, a comissão suissa adiou a classica prova para 8 e 9 de agosto.

Em virtude de scenas anormais passadas no decurso do *match* Español-Barcelona, a Federação Catalã suspendeu o nosso conhecido Samitier por 30 dias.

O Barcelona apelou da sentença.

O Real Club Deportivo Español, que esteve cá em Setembro, vai actualmente á frente do Campeonato da Catalunha e difficil, senão impossivel, será desalojá-lo da sua brilhante posição.

Ofereceram ao boxeur Benny Leonard 80.000 dollars para este acceder a combater contra Archie Walker. O combate efectuar-se-ha provavelmente, em Filadelfia.

A revista *Madrid-Sport* está actualmente fazendo uma campanha no sentido de levar o Comité de Selección da Espanha a conceder a Felix Perez o *brevet* de «internacional».

O francês Rigoulot bateu o *récord* do mundo amador, levantando 96 k 500 em *arraché* á direita.

O antigo *récord* pertencia a Vasseur com 95 quilos.

O francês Callizo bateu o *récord* de Sadi-Lecoite, elevando-se ha dias em avião, a 12.000 metros.

O novo heroe do ar foi feito piloto em 1913 e durante a guerra obteve diversas citações.

O famoso nadador americano J. Weissmuller percorreu, em Chicago, os 100 metros, estilo livre, em 57 s. 6/10.

O anterior *récord* pertencia ao mesmo atleta, com 57 s. 8/10.

NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS

GUINÉ

Relatório do Governador

Está publicado o *Relatório Anual do Governador da Guiné*, referente a 1921-1922, que tivemos o prazer de receber.

É um documento dum grande interesse, minuciosa e metódicamente elaborado, que demonstra bem a energia, a honestidade e o carinho pelo progresso da Colónia, que o Governador da Guiné, o Sr. coronel Jorge Frederico Vellez Caroco tem posto constantemente na sua acção administrativa.

Limitando-nos, por agora, a registar o aparecimento do interessante relatório e a cumprimentar o seu illustre autor, não deixaremos, logo que para tal tenhamos ensejo, de lhe fazer maiores referencias, que merece.

Mozambique

Alto Comissário

Alguns jorrals fizeram-se eco do boato de haver sido chamado á Metropole o Sr. Alto Comissario de Moçambique, que depois não voltaria a ocupar o seu logar.

Procurando esclarecer-nos sobre o assunto, obtivemos a convicção de que no sentido indicado não foi tomada qualquer resolução, aliás pouco compreensível quando, após uma demorada permanencia na Europa, o Alto Comissario acaba de assumir o seu cargo na Colónia, sem tempo portanto para se poder aferir o valor da sua acção administrativa.

De resto a lei marca taxativamente os termos em que cessa o mandato dos Altos Comissários, antes de de corrido o periodo que lhes é fixado, e, se não estamos em erro, duas são as condições que estabelece: o pedido de exoneração ou o motivo disciplinar...

INDIA

Progresso na Agricultura

Na zona agricola do Sul, a cargo do Técnico Sr. Correia Afonso foi realisada a experiencia duma debulhadora de arrós adquirida pelo Estado, tendo dado resultados muito satisfatórios, cujo registo recortamos do nosso colega «Tribuna» de Calanute:

A debulhadora foi movida a motor durante 10 horas e debulhou uma meda, produzindo 20 candins de bate, tendo empregado 5 begarins

Computado o salario destes á razão de 12 tangas, são Rps. 3:12:0. e mais as despesas da debulhadora com o seu motor, mecanico e acesorios, ao todo Rps. 9:00:0 dando o total de Rps. 12:12:00. Igual trabalho pelo sistema vigente de debulha a pé, gastaria o seguinte: 12 begarins na 1.ª debulha e 15 na 2.ª, ao todo 27 begarins á razão de 12 tangas, são Rps. 20:04:00, e mais a bebida, o minimo Rps. 5:00:00, o que dá o total de Rps. 25:00:00.

A diferença é quasi metade do gasto. Além disto, a bebulhadora evita muitos prejuizos que pelo sistema actual de debulha a pé são inevitaveis: 1.º os debulhadores quasi que em regra abusam do alcool nesta ocasião e devido a essa bebedeira causam grande desperdicio do bate, destruindo até as esteiras; 2.º quando no mesmo dia da ceifa se pode recolher o bate, evita-se o trabalho de formar a meda para a 2.ª debulha, em que exclusivamente se gasta 1 begarim, e onde há tambem desperdicio do bate; 3.º não deixa nem se quer 1 grão na haste da seara, que pelo sistema actual ainda com a 2.ª debulha não fica separado, perdendo-se muito bate que ninguem aproveita; 4.º evita a avaria que geralmente há no bate da 2.ª debulha; muitas vezes este bate fica inservivel para a alimentação.

Homenagem ao Governador cessante

Na dia 12 de Novembro realizou-se no Club Vasco da Gama, em Nova Goa, um banquete de homenagem ao sr. dr. Jaime de Moraes, governador cessante do Estado da India; segundo a imprensa local decorreu a festa num vivo entusiasmo e constituiu uma manifestação de apreço pelas qualidades manifestadas pelo homenageado, durante o seu governo.

Ao «toastr», o Presidente da Relação, sr. dr. Antonio de Noronha saudou o sr. Governador, num elegante discurso de que recortamos as seguintes passagens:

Alguns dos homens que estiveram em mais directo contacto com V. Ex.ª, alguns dos homens que foram os seus colaboradores ou que seguiram com interesse e imparcialidade a marcha governativa e puderam conhecer as superiores qualidades que exornam o primeiro magistrado do pais, pretenderam significar-lhe que, sejam embora divergentes as nossas opiniões, tentamos embora os nossos pontos de vista particulares, estejam embora sujeitos á mais veemente critica os actos governativos, numa coisa nos podemos encontrar todos: é em reconhecer que o cidadão illustre que em cinco anos de labor indefesso, de verdadeira febre de trabalho, deu a esta terra o melhor do seu espirito privilegiado, o melhor da sua visão de estadista conhecedor de todos os problemas, o melhor das suas caldeadas virtudes civicas, e—digamos bem alto!—o melhor do seu animo tolerante, conciliador e benevolo, esse cidadão merece que á hora da sua partida todos nos juntemos para, sem retórica e sem ênfase, lhe rendemos o preito da nossa consideração e respeito e para lhe desejarmos aquele intervalo de repouso a que criou jus a fim de reganhar a

saude de que precisa, para continuar a dar ás instituições e a Nação o seu esforço, a sua experiencia, a sua fé.

Depois, tendo-se referido á resolução tomada pelo Governo Central, de fazer permanecer no governo da India, por algum tempo, o sr. dr. Jaime de Moraes:

—Que possa o sr. dr. Jaime de Moraes ter o tempo, o sossego, o ensejo de concluir alguns dos trabalhos que iniciara, de resolver alguns dos mais importantes problemas pendentes e consiga ver ao menos uma parte dos resultados da sua intelligente, ponderada e laboriosa accção de cinco anos em prol desta terra, pelo levantamento desta Provincia —nesga preciosa da Patria Portuguesa!

Respondendo ás saudações que lhe foram feitas o sr. Governador falou largamente.

Analisando as origens das principais dificuldades no seu governo, referiu-se á autonomia nos seguintes termos:

Acima de todos os problemas desta hora, um se ergue dominador —o da autonomia; nenhum como ele despertou interesse e apaixonou a opinião publica.

Discutiram-se os seus resultados quando mal se iniciava; duvidou-se do seu exito quando ainda mal tinha nascido.

Exigiu-se tudo de nós, do Conselho, como se um aprendizado que jamais se nega á mais modesta profissão, fosse dispensavel para o exercicio de tão elevada função.

Não se quis reconhecer a dificuldade imensa dos problemas de administração.

Depois, terminando a análise á sua acção:

Assim, apenas ousou sonhar que, lá ao longe, quando o ultimo rescaldo das paixões se extinga, reconhecer que o meu esforço, especialmente o que tive de dar no sentido da regeneração financeira da provincia e da valorização do regime de autonomia, não foi esteril de todo.

Numa referencia ao nosso illustre colaborador sr. Meneses de Bragança:

Talvez no momento em que uso da palavra desembarque em Bombaim um filho da India, vogal do Conselho de Governo passado, um dos delegados da colónia no Congresso Colonial, uma das cerebrações mais cultas e mais brilhantes deste Estado. Considero-o, justamente, como um dos mais brilhantes filhos da India e um dos meus colaboradores mais dedicados. Honro-me imenso com a sua amizade e sinto profundamente não o ver nesta sala no dia de hoje.

Varias afirmações interessantes se fizeram ainda e de todas elas, bem como do numero e da categoria dos promotores da homenagem, se infere que a acção governativa do sr. dr. Jaime de Moraes, conquanto discutida, não deixa de ser encarada como honesta e bem intencionada.

Nuno de Freitas Queriol

Faleceu o illustre official da nossa Marinha, Sr. Capitão de Mar e Guerra Nuno de Freitas Queriol que, tendo desempenhado várias comissões nas Colónias, foi recentemente Administrador Delegado da Companhia de Moçambique.

A «Gazeta», sentindo profundamente a morte do distinto official, apresenta as suas condolencias á illustre familia enlutada e em especial ao nosso querido Amigo o Sr. Engenheiro João Queriol.

Propaganda Colonial

O nosso presado Colega «O Seculo» cuja direcção foi recentemente entregue ao illustre jornalista que é o Sr. Dr. Trindade Coelho, está agora dedicando uma grande parte das suas atenções aos assuntos coloniais.

Aos Ex.^{mos} Srs. General Freire de Andrade e Major Leite de Magalhães, duas penas brilhantes ao serviço da mais alta competencia em sciencia colonial, entregou o nosso Colega a realisação do seu plano de propaganda pró colonias.

Registando com verdadeiro prazer a iniciativa do nosso Colega, endereçamos os nossos affectuosos cumprimentos aos dois illustres coloniais, que á «Gazeta» têm dado a honra da sua colaboração, bem como ao Sr. Dr. Trindade Coelho, que tão sabiamente encara a missão do grande jornal que dirige.

VARIAS

O Governador da provincia de Cabo Verde foi demorado na Metropole, por ordem ministerial.

Vae ser aberto um concurso para as vagas de professores do liceu de Cabo Verde.

Regressou de Cabo Verde o Director de Fazenda, sr. Antonio Pacheco.

Chegou a Bolama o sr. Parreira, 1.^o Contador da Auditoria de Moçambique, onde vae provisoriamente desempenhar o lugar de Auditor fiscal.

O Governador de S. Tomé, sr. Soares Branco tem estado doente, devendo só em março regressar ao seu lugar.

Vae ser desligado do serviço por ter sido julgado incapaz o 1.^o official das Obras Publicas de Angola, Antonio Alfredo Bâtista.

Foi dada por finda a licença ilimitada ao Condutor de 2.^a classe de Angola, Paulo Teves da Costa regressando brevemente a ocupar o seu lugar.

Consta que o engenheiro sr. Costa Serrão indicou para Director dos Caminhos de Ferro de Lourenço Marques o sr. Engenheiro Ruas.

Foi autorizada a troca entre o Pro-

curador da Republica junto da Relação da India e o juiz de Macau sr. Bulhão Pato.

Pediu licença ilimitada o professor do liceu de Macau sr. Augusto Fernandes Torres, tendo-lhe sido concedida.

Foi nomeado Contabilista para as obras do Porto de Macau o antigo Director de fazenda distrital Vizeu Pinheiro.

O sr. Governador de Timor pediu que apenas seguissem para aquela provincia o engenheiro director das Obras Publicas e o Director de Alfandega.

O sr. Ministro das Colónias telegrafou aos Governadores das provincias ultramarinas pedindo-lhes que estudassem as modificações a introduzir nas cartas organicas e caso tais modificações fossem além das bases de administração civil e financeira, que lh'as propuzessem a fim de conseguir do Parlamento as necessarias sanções legislativas; conta assim S. Ex.^a que cada Colónia fique com um diploma organico especial que satisfaça a todas as exigencias de administração.

E' evidente o intuito que anima o Sr. Ministro da Colónias e que sendo o regresso á doutrina constitucional, nos merece o mais incondicional applauso.

AGENCIA FOX

Tele|fone C. 1352
grama FOX Lisboa

A organização e a criação desta Agencia, obedecendo ao intuito de proporcionar ao publico, em especial ao publico que viaja, facilidades e comodidades, foi organizada nos moldes das suas congéneres no estrangeiro, com um pessoal escolhido e habilitado.

A função da gencia Fox é puramente de caracter comercial, e é nesse sentido que tem organizados os seus diversos serviços distribuidos pelas seguintes secções:

a) Secção de informações e investigações comerciais e particulares e vigilancias.

b) Secção de turismo.

A primeira destas secções é dirigida por um ex-funcionario superior da Policia de Lisboa e tem um nucleo de habéis agentes, trabalhando com absoluta discreção e seriedade, o que garante o valor dos seus serviços, já hoje procurados e utilizados por todas as classes.

Os serviços de Turismo estão a cargo duma

secção especial com filiais, por em quanto, na Rocha Conde d'Obidos, Terreiro do Paço e no Rocio, com um pessoal escolhido e educado, falando o francês, o inglês e o alemão; encarrega-se esta secção de obter passagens em todos os comboios das linhas do Norte, Oeste, Sul e Sueste e no «Sud-Express», reservar alojamentos em todos os hotéis do país e visar passaportes.

Encarrega-se tambem esta secção do transporte de bagagens dos passageiros em transito, dos vapores que fazem o nosso porto com ligação com o «Sud-Express». Nas filiais recebem-se radios e telegramas para qualquer país do mundo, que serão imediatamente enviados para a Central Telegrafica e telefonemas; vendem-se sellos para correspondência, etc., etc.

A Agencia Fox tem ainda devidamente montado na sua Filial da Rocha Conde d'Obidos um serviço de excursões, com pessoal habilitado e educado, a preço reduzido, para Lisboa, seus arredores e no País.

COTAÇÕES

TÍTULOS

TÍTULOS	Em 22 de Nov. de 1924			Em 6 de Dez. de 1924			TÍTULOS	Em 22 de Nov. de 1924			Em 6 de Dez. de 1924		
	OFERTAS			OFERTAS				OFERTAS			OFERTAS		
	Efectuado	Dinheiro	papel	Efectuado	Dinheiro	papel		Efectuado	Dinheiro	papel	Efectuado	Dinheiro	papel
Div. interna fundada													
As. tit. 20:000\$00	—	—	—	—	—	—		—	—	—	—	—	—
As. tit. 1.000\$00	32,60	—	—	32,80	—	32,70		—	—	—	—	—	—
As. tit. 500\$00	31,	30,	—	30,	30,	—		—	—	—	—	—	—
As. tit. 100\$00	31,	30,	—	30,	30,	—		—	—	—	—	—	—
Coupon tit. 1.000\$00	—	—	—	30,50	—	—		—	—	—	—	—	—
Coupon tit. 500\$00	—	30,	—	—	30,	—		—	—	—	—	—	—
Coupon tit. 100\$00	—	30,	—	—	30,	—		—	—	—	—	—	—
Emp. 3 0/0 1905	—	9\$30	—	9\$50	9\$40	9\$50		—	—	—	—	—	—
Emp. 4 0/0 1888	—	15\$50	—	15\$60	—	—		—	—	—	—	—	—
Emp. 4 0/0 1890 c.	—	29\$00	—	37\$00	36\$00	38\$00		—	—	—	—	—	—
Emp. 4 1/2 1888-89 as.	—	29\$00	—	—	—	—		—	—	—	—	—	—
Emp. 4 1/2 1888-89 c.	—	34\$00	—	—	38\$00	—		—	—	—	—	—	—
Emp. 4 1/2 1912 ouro.	570\$00	570\$00	575\$00	580\$00	580\$00	585\$00		—	—	—	—	—	—
Emp. 5 0/0 1909 c.	—	38\$00	39\$00	—	40\$00	—		—	—	—	—	—	—
Emp. 5 0/0 1917 c.	—	39\$50	—	43\$00	44\$00	—		—	—	—	—	—	—
Emp. 6 1/2 1923 ouro.	428\$00	427\$00	427\$00	432\$00	—	432\$00		—	—	—	—	—	—
Externas 1ª serie.	427\$50	429\$00	434\$00	449\$00	448\$00	449\$00		—	—	—	—	—	—
Externas 3ª serie.	—	485\$00	—	—	438\$00	—		—	—	—	—	—	—
Cautelas da 3ª serie	—	—	—	—	22\$00	28\$00		—	—	—	—	—	—
Obg Div. Prov. de Angola 3 0/0	—	—	70\$00	—	—	70\$00		—	—	—	—	—	—
Ações													
BANCOS:													
Alentejo	—	83\$00	83\$00	—	—	85\$00		—	—	—	—	—	—
Aliança	—	610\$00	—	—	610\$00	—		—	—	—	—	—	—
Colonial Português, p.	62\$00	62\$00	—	60\$00	60\$00	62\$00		—	—	—	—	—	—
Colonial Português, a.	—	—	—	—	—	—		—	—	—	—	—	—
Colonial Português c.	68\$50	68\$00	68\$50	65\$00	65\$00	68\$00		—	—	—	—	—	—
Comercial de Lisboa	—	295\$00	300\$00	—	295\$00	293\$00		—	—	—	—	—	—
Credito Nacional	—	—	—	—	—	—		—	—	—	—	—	—
Industrial Português c.	—	—	51\$00	—	—	50\$00		—	—	—	—	—	—
Industrial Português a.	—	—	50\$00	—	—	50\$00		—	—	—	—	—	—
Lisboa & Açores	480\$00	475\$00	480\$00	519\$00	—	500\$00		—	—	—	—	—	—
Nacional Agricola c.	68\$50	68\$00	68\$50	65\$00	65\$00	67\$00		—	—	—	—	—	—
Nacional Agricola p.	—	62\$00	—	60\$00	60\$00	62\$00		—	—	—	—	—	—
Nacional Agricola a.	—	—	—	—	—	—		—	—	—	—	—	—
Minho	—	320\$00	330\$00	306\$00	306\$00	307\$00		—	—	—	—	—	—
Nac. Ultramarino, a.	222\$00	212\$00	223\$00	—	233\$00	233\$50		—	—	—	—	—	—
Nac. Ultramarino, c.	254\$50	253\$00	255\$00	243\$00	243\$00	243\$50		—	—	—	—	—	—
Popular Português	—	—	23\$00	—	—	—		—	—	—	—	—	—
Portugal	819\$00	—	—	800\$00	—	—		—	—	—	—	—	—
Português e Brasileiro	108\$50	108\$50	109\$50	109\$00	108\$50	109\$50		—	—	—	—	—	—
Companhias													
Diversas:													
Nacional de Navegação	—	—	—	302\$00	301\$50	—		—	—	—	—	—	—
Pesca e Transportes	89\$00	89\$00	90\$00	94\$00	93\$00	94\$00		—	—	—	—	—	—
Cimentos de Leiria	—	55\$00	65\$00	—	50\$00	—		—	—	—	—	—	—
Credito Predial	—	31\$50	33\$00	—	—	—		—	—	—	—	—	—

Produtos coloniais						Cambios										
PRODUCTOS	Quant.	Em 22		Em 6		PRODUCTOS	Quant.	Nov. 1924		Dez. 1924		Cotação oficial	Em 22-11-1924		Em 6-12-1924	
		Nv. 1924	Dez. 1924	Nv. 1924	Dez. 1924			Em 22	Em 6	Compra	Venda		Compra	Venda		
Algodão	1 k.	14\$00	11\$00	Cocono e de Loanda	15 k.	—	27\$80	Londres	—	102\$50	102\$00	102\$00	100\$00			
Amido de mandioca	»	—	—	Couros limpos	»	66\$50	55\$00	Fin de Julho	—	—	—	—	—			
Borracha de Ambiz 1ª	»	—	—	Farinha de mandioca	»	—	—	Paris	—	—	1.17	1.14,5	1.16			
» 2ª	»	—	—	Fibra de agave	»	—	—	Alemanha	—	—	—	5.00	5.30			
» Loanda e Beng. 1ª	»	—	—	Gergelim	»	36\$00	36\$00	Praça	—	—	—	—	.63			
» 2ª	»	—	—	Goma capolo	»	—	46\$00	Holanda	—	—	8.90	8.60	8.65,5			
Cacau fino	15 k.	73\$00	65\$00	» branca 1ª	»	35\$00	35\$50	Madrid	—	—	3.02	2.93	2.97			
» paiol	»	63\$00	55\$00	» mixta	»	—	—	Belgica	—	—	1.08	1.04,5	1.06			
» escolha	»	36\$50	37\$00	» preta	»	—	—	Italia	—	—	97	92	93			
Café Ambriz	»	—	137\$00	Marfim de lei.	»	—	—	Suiza	—	—	4.29	4.10	4.14			
» Cazenço	»	—	132\$00	» meão	»	—	—	Suecia	—	—	3.28	5.70	5.80			
» Encogé	»	137\$00	134\$00	» escaravelho	»	—	—	Nova-Yerk.	—	—	21.20	21.20	21.40			
» Novo Redondo	»	—	150\$00	Milho	»	—	—	Brasil	—	—	2.60	2.43	2.50			
» S. Tomé	»	135\$00	185\$00	Óleo de palma do Congo	»	—	46\$00	Rio de Lisboa	—	—	—	—	403	408		
Cera	1 k.	14\$00	14\$00	» » de Loanda	»	48\$00	—	Rio	—	—	—	—	—	—		
Coconote do Zaire	15 k.	30\$00	—	Ricino	»	—	—	Libras ouro	—	—	115.00	120.00	—			
» da Guiné	»	30\$00	26\$50	Tapioca	»	—	—	Agio do ouro	—	—	2400	2600	—			

MOVIMENTO MARITIMO

IDA

Companhias	VAPORES	SAÍDAS DE	CHEGADA A																							
			Funchal	S. Vicente	S. Tiago	Principe	S. Tomé	Cabinda	Santo Antonio	Ambriz	Loanda	Novo Redondo	Lobito	Benguela	Mossamedes	Bahia dos Tigres	Porto Alexandre	Lourenço Marques	Beira	Moçambique	Porto Amélia	Ibo	India	Singapura	Macao	Timor
Companhia Nacional de Navegação	Portugal										12	13	15	17	19	20										
	Angola										12	18	15	19												
	Pedro Gomes	Lisboa 15 de Dezembro	17 Dez.	21 Dez.	22 Dez.	30 Dez.	1 Jan.	5 Jan.	6 Jan.	7 Jan.	7 Dez.	12 Dez.	13 Jan.	15 Jan.	17 Dez.	20 Dez.										
	Moçambique	Lisboa 1 de Janeiro	17 Jan.	21 Jan.	22 Jan.	30 Jan.	1 Fev.	5 Fev.	6 Fev.	7 Fev.	7 Jan.	17 Jan.	18 Jan.	19 Jan.	19 Fev.	20 Fev.										
	Beira	Lisboa 15 de Janeiro	17 Jan.	21 Jan.	22 Jan.	30 Jan.	1 Fev.	5 Fev.	6 Fev.	7 Fev.	7 Fev.	12 Fev.	13 Fev.	15 Fev.	17 Fev.	19 Fev.	20 Fev.									
Deutscher Afrika Dienst	Ussukuma																									
	Sutan	Lisboa 24 de Novembro																								
	Tanganjika	Lisboa 8 de Dezembro																								
	Usaramo	Hamburgo 13 de Dezembro																								

REGRESSO

Companhias	VAPORES	SAÍDAS DE	CHEGADA A																							
			Moçambique	Beira	Lourenço Marques	Porto Alexandre	Bahia dos Tigres	Mossamedes	Benguela	Lobito	Novo Redondo	Loanda	Ambriz	Santo Antonio	Cabinda	S. Tomé	Principe	S. Tiago	S. Vicente	Funchal	Porto Amélia	Ibo	Macao	Timor	Lisboa	Amsterdã
Companhia Nacional de Navegação	Moçambique																									
	Beira																									
	Africa	Moçambique 9 de Dezembro																								
Deutscher Afrika Dienst	Moçambique	Moçambique 9 de Fevereiro	9 Fev.																							
	Beira	P. Alexandre 20 de Fevereiro																								
	Usambara	Beira 10 Novembro																								
Deutscher Afrika Dienst	Nyassa	Beira 1 de Dezembro																								
	Wangoni	Beira 11 de Dezembro	13 Dez.																							
	Ussukuma	Beira 22 de Dezembro																								
	Sutan	Beira 12 de Janeiro																								
	Tanganjika	Beira 22 de Janeiro	24 Jan.																							

Banco Nacional Ultramarino

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Séde — LISBOA — Rua do Comercio

Agencia — LISBOA — Cais do Sodré

Capital social: Esc. 48.000:00\$000

Capital realizado: Esc. 24.000:000\$00

Reservas: Esc. 34.000:000\$00

FILIAIS NO CONTINENTE — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regua, Santarem, Setubal, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Traz-os-Montes, Vizeu

FILIAIS NAS ILHAS — Funchal (Madeira), Angra do Heroismo e Ponta Delgada (Açores)

FILIAIS NAS COLONIAS — AFRICA OCIDENTAL — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, Kinshass (Congo Belga), S. Tomé, Príncipe, Cabinda, Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes, Lubango

AFRICA ORIENTAL — Beira, L. Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimaue Moçambique e Ibo

INDIA — Nova Gôa, Mormugão e Bombaim (India inglesa) CHINA — Macau TIMOR — Dilly

FILIAIS NO BRASIL — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manáus

FILIAIS NA EUROPA — Londres, 9 Bishopsgate E. — Paris, 8, rue du Helder

AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS — New-York, 93, Liberty Street

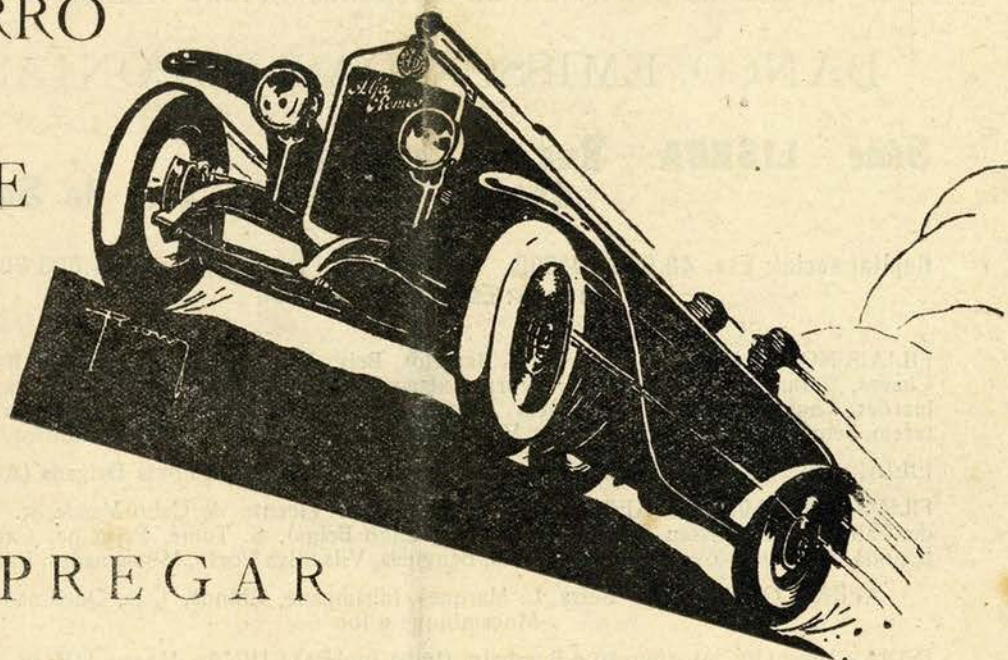
Operações bancarias de toda a especie no continente, ilhas adjacentes, Colónias, Brasil e restantes países estrangeiros

A VELOCIDADE

NUNCA FALTARA' AO

CARRO

QUE



EMPREGAR

Auto-Gazo

A MELHOR

GAZOLINA

VACUUM OIL COMPANY